



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**ANA PAULA FONTOURA PINTO**

**LITERATURA SUL-RIO-GRANDENSE: A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO E O  
RECONHECIMENTO DA IDENTIDADE DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS  
NA REGIÃO DA CAMPANHA, ATRAVÉS DA OBRA *GUERRILHA E SOLIDÃO*, DE  
VALDOMIRO MARTINS**

**Bagé – RS**

**ANA PAULA FONTOURA PINTO**

**LITERATURA SUL-RIO-GRANDENSE: A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO E O  
RECONHECIMENTO DA IDENTIDADE DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS  
NA REGIÃO DA CAMPANHA, ATRAVÉS DA OBRA *GUERRILHA E SOLIDÃO*, DE  
VALDOMIRO MARTINS.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientador (a): Miriam Denise Kelm

Bagé

2013

**ANA PAULA FONTOURA PINTO**

**LITERATURA SUL-RIO-GRANDENSE: A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO E O  
RECONHECIMENTO DA IDENTIDADE DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS  
NA REGIÃO DA CAMPANHA, ATRAVÉS DA OBRA *GUERRILHA E SOLIDÃO*, DE  
VALDOMIRO MARTINS**

Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura em Letras da Universidade  
Federal do Pampa, como requisito parcial para  
obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Área de concentração: Literatura.

Monografia defendida e aprovada em: 14/05/2013.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Miriam Denise Kelm

Orientador (a)

Unipampa

---

Prof. Ms. Alessandro Carvalho Bica

Unipampa

---

Prof. Dr. Moacir Lopes de Camargos

Unipampa

Dedico meu trabalho primeiramente a Deus,  
ao meu mestre Jesus e a minha família.

## AGRADECIMENTOS

Em seis anos de curso, tive a oportunidade de conhecer pessoas maravilhosas que contribuíram muito para o meu crescimento. Sei que muitas não serão citadas aqui, mas dedico este trabalho, que foi realizado há mais um ano, àquelas pessoas que estão sempre comigo.

Agradeço primeiramente a Deus e ao meu mestre Jesus, que sempre me protegem, ao meu anjo da guarda que me atende nas aflições da vida.

Obrigada minha mãe por aguentar meu mau humor, por me dar carinho e uma palavra de conforto. Embora esteja morando com ela apenas há quase cinco anos, o que consegui mudar na minha vida neste tempo, não tinha conseguido em 25 anos.

Agradeço ao meu pai que nestes anos está sendo um GRANDE PAI, ajudando não só financeiramente, mas moralmente.

À minha orientadora Miriam Denise Kelm, pela sua paciência, que foi muita; pelo exemplo de profissional que és e pelo suporte que me proporcionaste sempre, desde aquele dia que ganhei aquele casaco para não desistir do curso. Lembra?

À professora Zíla Rego pela persistência em me mostrar que profissionalismo também é cumprir com as nossas responsabilidades.

À professora Clara Dorneles que me acompanha como os outros citados desde o início e pela paciência nestes seis anos.

Ao professor Alessandro Carvalho Bica que contribuiu para a reconstrução de minha identidade.

Ao professor Moacir Camargos que me deu suporte suficiente para conseguir fazer este trabalho.

Ao João Francisco Garibaldi que me deu esta grande ideia.

Ao Gabriel Vaz que me ajudou muito na execução deste trabalho.

A todos os meus amigos.

Em especial dedico a todos das famílias Colares e Goulart e dizer que este trabalho é uma homenagem a vocês.

***Encontrei minhas origens***

*Encontrei minhas origens  
em velhos arquivos  
    livros  
encontrei  
em malditos objetos  
troncos e grillhetas  
encontrei minhas origens  
no leste  
no mar em imundos tumbeiros  
encontrei  
em doces palavras  
    cantos  
em furiosos tambores  
    ritos  
encontrei minhas origens  
na cor de minha pele  
nos lanhos de minha alma  
em mim  
em minha gente escura  
em meus heróis altivos  
encontrei  
encontrei-as enfim  
me encontrei.*

Oliveira Silveira

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo estudar a representação do negro na literatura sul-rio-grandense, pela eleição da obra *Guerrilha e Solidão*, do escritor bajeense Valdomiro Martins. A finalidade desta monografia é a necessidade de discutirmos a figura do negro na literatura gaúcha como também a contribuição da cultura africana na sociedade sulina. A principal motivação para a realização desta monografia é a escassez de trabalhos sobre este tema.

Para isso procuramos aprofundar os conhecimentos sobre as comunidades quilombolas localizadas na Região da Campanha, em especial, a Comunidade Quilombola de Palmas, perto de Bagé, visto que as histórias lidas na obra de Valdomiro Martins recordam àquelas contadas pelos meus parentes mais próximos. Também aproveitamos e fizemos um breve panorama sobre as comunidades dos contextos nacional e estadual.

É importante salientar que na literatura brasileira os negros eram vistos como objeto numa época em que suas vozes não existiam, uma vez que para a maioria da sociedade os escravos eram considerados seres inferiores. Por isso, fizemos um breve histórico sobre a representação do negro na literatura brasileira e sul-rio-grandense e das principais obras que surgiram em diferentes épocas, com o objetivo de mostrar o processo diacrônico do reconhecimento deste como cidadão.

Palavras-chave: Literatura brasileira, Literatura Sul-Rio-Grandense, Literatura Afro-brasileira, Identidade cultural.

## RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo estudiar la representación de la figura negra en la literatura de la región sur del Brasil, por la elección de la obra *Guerrilha e Solidão*, del escritor Valdomiro Martins. El objetivo de esta monografía es la necesidad de discutir su representación en la literatura gaucha, así como la contribución de la cultura africana para la sociedad del sur de Brasil. El principal estímulo para la realización de este trabajo es la escasez de estudios con este tema.

Nosotros tratamos de profundizar en el conocimiento de las comunidades quilombolas en la Región de la Campana, en particular la Comunidade Quilombola de Palmas, ya que las historias que leemos en la obra de Valdomiro Martins nos hacen recordar aquellas historias contadas por los familiares más cercanos. También disfrutamos de una breve descripción de las comunidades quilombolas de los gobiernos nacional y estatal.

Es importante destacar que los negros en la literatura brasileña fueron vistos como objetos en un momento en que sus voces no existían para la mayoría de la sociedad y porque los esclavos eran considerados seres inferiores. Así, hacemos una breve historia de la representación de los negros en la literatura brasileña y gaucha. En este sentido, destacamos las principales obras que surgieron en distintas épocas con el fin de mostrar el proceso diacrónico de reconocimiento de estos como ciudadanos.

Palabras clave: literatura brasileña, Literatura Sur Rio-Grandense, Literatura Afro-brasileña, Identidad cultural.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1.1. Um Panorama sobre a Literatura Afro-brasileira.....</b>	<b>19</b>
<b>1.2. Um Breve Histórico sobre a Representação do Negro na Literatura sul rio-grandense: Negro Bonifácio e Negrinho do Pastoreio.....</b>	<b>24</b>
<b>2. COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO.....</b>	<b>27</b>
<b>2.1. Comunidades Quilombolas no Rio Grande do Sul.....</b>	<b>32</b>
<b>2.2. Comunidade Quilombola de Palmas.....</b>	<b>34</b>
<b>2.3. Minhas Origens Familiares .....</b>	<b>37</b>
<b>3. ANÁLISE DOS CONTOS: questões sobre Identidade Cultural.....</b>	<b>41</b>
<b>3.1. Guerrilha e Solidão .....</b>	<b>44</b>
<b>3.2. A Hora da Mãe .....</b>	<b>46</b>
<b>3.3. Uma Garrafa de Aguardente.....</b>	<b>48</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>62</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso busquei estudar a representação do negro na literatura sul-rio-grandense, através da eleição para análise da obra *Guerrilha e Solidão* (2008), do escritor bajeense Valdomiro Martins, pois constatamos que as vivências das comunidades quilombolas, próximas à região em que se situa Bagé, no estado do Rio Grande do Sul, estão ilustradas neste texto literário.

A relevância deste trabalho justifica-se pela necessidade de discutirmos sobre a representação do negro na literatura sul-rio-grandense e a participação da cultura africana na formação desta sociedade. Também constata-se a escassez de trabalhos voltados para este tipo de assunto. Além disso, espera-se trazer acréscimos na aquisição de conhecimento acerca do tema para os que tiverem contato com informações a respeito de um grupo social específico, os quilombolas, sobre o qual há escassas referências. Procuramos aprofundar os conhecimentos sobre a região de Palmas/ RS, pois os contos da obra *Guerrilha e Solidão*, de Valdomiro Martins, nos lembram das histórias contadas pelos meus parentes mais velhos (avó, avô) que residem ou residiram naquele local. Enfim, utilizamos como objeto de estudo uma obra que retrata as vivências dos negros, em especial no período que vai do final do século XIX até meados do século XX, na Região da Campanha, e que conta bastante do que conhecemos pela via oral, através do contato com pessoas próximas.

Sabemos que na produção literária do nosso país, a negritude ainda não tinha uma representação significativa à altura dos anos dedicados, de maneira imposta, para o crescimento econômico, cultural e social, somente reconhecidos de maneira medíocre no período do Brasil romântico e, mesmo assim, de maneira distorcida. Basta analisarmos o trajeto da literatura brasileira para percebemos que a figura do negro, seja na prosa ou na poesia, desde antes da Abolição do Tráfico negreiro, é quase inexistente antes de 1850, o que é lastimável perante a contribuição e a presença marcante da cultura destes homens e mulheres na economia brasileira, pois eram vistos como objetos. Isso aconteceu, provavelmente, porque existiam os escritores brasileiros amparados pelos senhores de escravos e os escritores de classe média e alta. Outra hipótese que inviabilizava sua presença era o fato de que, culturalmente, o negro era considerado um ser inferior, sem acesso à educação e impedido de atuar como sujeito de sua história, passou a exercer o papel de mero

coadjuvante da construção nacional, conforme Ruffato (RUFFATO, 2009, p.04). Com o término da Abolição do Tráfico, os autores se viram obrigados a voltar seus olhares para os negros em relação ao regime degradante em que estavam inseridos. Neste período estes sujeitos eram ainda vistos de maneira pejorativa, desumana. E, sob essa visão, surge, em 1856, a primeira obra chamada *O Comendador*, de Pinheiro Guimarães.

Três anos depois, em 1859, surgiu Maria Firmina dos Reis, mulher de tez mestiça, que lançou a obra *Úrsula*; esta foi uma das primeiras representações do negro na prosa de ficção brasileira. Mesmo numa época em que muitos na sociedade nem concediam o direito ao negro de ser visto como ser humano, Maria Firmina dos Reis produziu uma obra colocando um negro no papel principal como uma referência de moralidade. “O romance e a assumida afro-descendência da escritora soam como gestos revolucionários que a distinguem do restante da literatura brasileira da época.” (DUARTE, 2008, p. 06)

Durante o Romantismo (1836-1881), o principal objetivo dos escritores deste período era a construção de uma identidade nacional, uma vez que, nesta época, o país proclamava-se independente e, logo após, tornava-se uma república. Porém, o espírito de originalidade étnica fora representado no papel do índio, colocando o negro numa função secundária de índole escrava.

Joaquim Manuel de Macedo lançou o livro *Vítimas Algozes*, em 1869, que, segundo Ruffato (2009, p.04), reforça o estereótipo do negro como um ser despido de humanidade, um recipiente de maldades, de crueldade e de maledicência.

Somente no início das lutas pela abolição dos escravos aparece uma heroína na literatura nacional. A obra de Bernardo Guimarães, *A Escrava Isaura* (1875), traz a personagem principal, que dá nome ao livro - de pele mulata - como uma mulher de pele branca, mostrando o quanto é difícil os autores se desvincularem da imagem negativa destes indivíduos, pois a protagonista seguia o padrão das heroínas importadas das ficções francesas<sup>1</sup>. Autores como Castro Alves, mais conhecido como “Poeta dos escravos”, um dos autores que deram início à causa negra no Brasil, manifestou em seus poemas as humilhações pelas quais os negros eram submetidos. Aos 21 anos de idade, publica o poema *Navio*

---

<sup>1</sup> Informação retirada do livro *Questão de pele*, organização de Luiz Ruffato. Disponível em: <http://www.linguageral.com.br/site/downloads/titulos/77.pdf>. Acesso em 30/11/2012. .

*Negreiro* (1869), em que denuncia essas humilhações, contrariando os grandes senhores de escravos. Porém, conforme Hélio José Luciano (2013, p.14), mesmo colocando sua indignação neste poema, de um lado, o escritor peca quando mostra o negro através de estereótipos, como a maioria dos escritores daquela época, observado no trecho abaixo:

[...]  
 Tinir de ferros... estalar de açoite...  
 Legiões de homens negros como a noite,  
 Horrendos a dançar...  
 Negras mulheres, suspendendo às tetas  
 Magras crianças, cujas bocas pretas  
 Rega o sangue das mães.  
 [...] (ALVES, 1997, p. 280) <sup>2</sup>

Castro Alves, embora expresse a forma humilhante como os cativos viviam, não dá para eles voz, não os reconhecendo como sujeitos, sendo apenas retratados em seus sofrimentos.

Conforme Ruffato (2009, p. 04) “é curioso que o tema da escravidão, que mobilizou grandes nomes da poesia romântica, não tenha tido o mesmo apelo junto aos ficcionistas.” Poucos escritores escreveram histórias em que o pano de fundo era a vida dos negros, inclusive, o autor cita alguns autores e respectivas novelas que apareceram no cenário literário brasileiro durante do regime escravagista, como José do Patrocínio, e que surgiram após a abolição da escravatura como Júlia Lopes de Almeida e Coelho Netto. Em seus romances, o tema estava presente, ainda que tratassem direta ou indiretamente do assunto.

Na fase realista, o autor Aluísio de Azevedo publicou duas obras: *O Mulato* (1881), obra que inaugurou o período e escandalizou a sociedade potiguar na época do lançamento. A narrativa traz o negro como protagonista, narrando a historia de Raimundo, um menino negro, filho de um ex-comerciante português com a ex-escrava, Domingas (escrava de seu pai), que viaja, já órfão de pai, para Portugal e retorna ao Brasil, já moço, com o título de Bacharel em Direito e se apaixona por uma moça rica de pele branca e pretende se casar com ela, mas esse

---

<sup>2</sup> Retirado do artigo *O negro na literatura: de negro a objeto*, de Hélio José Luciano. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/anais/2012/anais/educacaoementosociais/onegronaliteratura.pdf>. Acesso em 24/04/2013.

romance é impedido devido a sua cor. No final, o rapaz é morto e a moça casa-se com um português. Este pequeno enredo nos mostra que o preconceito racial continuava existindo independentemente de posição social, pois o valor do caráter ainda era medido pela cor da pele. O principal tema da obra anterior era o preconceito racial da sociedade e esta mesma temática continua na próxima obra lançada *O Cortiço* (1890). Nesta o negro é visto entre o imoral e o diabólico e como um ser irrelevante. E este fato é observado pelo modo como João Romão descarta a escrava Bertoleza, após usá-la como amante e serva, para subir socialmente. Porém, é curioso notar que em *O Cortiço*, segundo Hélio José Luciano (2013, p.11), o autor também falha ao estereotipar a mulher negra, colocando-a entre a promiscuidade, ilustrada pela mulata Rita Baiana, e a negação da própria raça, representada pela negra Bertoleza que aceitou viver com Romão por não querer se sujeitar a negros “e procurava um homem numa raça superior à sua (AZEVEDO, 1997, p.16).”

Uns dos maiores escritores do nosso país, Machado de Assis não seguia o mesmo propósito dos outros autores ao retratar a vida dos negros nas grandes metrópoles no século XVII, uma vez que sua condição racial determinava tal atitude. Segundo Luis Ruffato (2009, p. 05), o autor foi incompreendido durante muitos anos e carregou o fardo de ser o escritor que não trazia o negro para as suas narrativas em prol da discussão sobre sua situação na sociedade.

O autor recebe esta crítica a partir da publicação da sua última obra *Memorial de Aires* (1908) que se limita em expor o ambiente doméstico das personagens principais. O narrador-personagem, o conselheiro Aires escreve em seu diário íntimo todas as ocorrências da elite carioca do século XIX. Segundo Fragelli<sup>3</sup>, esta obra surpreende pelo absentismo das figuras de homens livres e pobres e de nenhum agregado. Os personagens representavam a classe dominante do Rio de Janeiro imperial. São eles: o fazendeiro do Vale do Paraíba e sua filha, o comissário do café e seu filho, o sócio de banco e sua esposa, o desembargador. A figura do negro surge ao fundo, são como sombras o criado José e os libertos da Fazenda Santa-Pia. O personagem-narrador conta as ocorrências vividas parcialmente para não denegrir a imagem da elite e esta atitude se estende à questão da Abolição da escravatura cuja sua maior satisfação foi que a imagem do país esteve agradável aos olhos dos países

---

<sup>3</sup> FRAGELLI, C. *Desconfie do narrador!* Revista de história. com. br. São Paulo, nº85, Out 2013. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/leituras/desconfie-do-narrador>

modernos, como Estados Unidos e Inglaterra. Conforme Fragelli (2013), “o que o Treze de Maio fez foi libertar os *brancos* do fardo ideológico e econômico da escravidão: além de motivo de vergonha, ter escravos já não valia mais a pena financeiramente.” Podemos depreender que a intenção de Machado nesta narrativa é denunciar a putrefata sociedade do século XIX a partir da visão de um integrante da mesma classe e também convidar o leitor a prestar atenção e desconfiar do narrador. No momento que exige desconfiar do personagem, o autor desafia-nos a considerarmos com desconfiança as autoridades e, por fim, faz um convite para nossa percepção.

A prioridade de Machado de Assis era mostrar o homem em sua complexidade, em todas as nuances, independentemente da cor de sua pele, mas isso não quer dizer que estas questões se perderam. Avesso à superficialidade, Machado de Assis, através de suas obras, revela pelas entrelinhas os mistérios mais profundos do comportamento humano. O objeto de estudo deste autor era sociedade, mas para representá-la em suas obras era preciso frequentar os salões de festas, segundo Gizêlda Melo do Nascimento (2002, p.02) daí o motivo do negro não aparecer incisivamente em suas obras. Se observarmos na obra de Valdomiro Martins o conto **O ano que não começou**, que retratou o negro no dia da abolição da escravatura, os negros recém-libertos não participaram da festa como convidados principais, uma vez se tratava da abolição deles, mas acabaram se inserindo na mesma de uma forma subalterna, isto é, como ajudantes, garçons.

No entanto, a visão que muitos críticos têm sobre Machado de Assis, uma vez que aparentava estar omissos aos acontecimentos, desintegra-se perante várias publicações abolicionistas publicadas pela *Gazeta de Notícias*, jornal que era sócio. E conclui Eduardo Duarte que em suas crônicas, sempre que abordava o cativo, Machado de Assis acrescentava “elementos judicativos, que ora lamentam a condição dos escravos, ora louvam a filantropia dos que os libertam, ora criticam os que apoiam ou se beneficiam do sistema”. (DUARTE, 2008, p. 06)

Quanto ao gênero narrativo, um dos contos que revelam um Machado atento às questões sobre a situação da negritude na época chama-se “Pai contra mãe”. Publicado em 1906, o conto faz parte do livro *Relíquias da Casa Velha*, em que mostra o autor na sua fase mais madura como escritor. Narrado em terceira pessoa, o pano de fundo é a escravidão na forma mais brutal e cruel e o ambiente desta história é o Rio de Janeiro antes da Abolição da escravatura. Segundo a professora Bia Sendai, Assis publicou esta narrativa quando já tinha

terminado a escravidão, mas começou este conto como se fosse escrever uma “anedotinha” sobre uma profissão já desaparecida. O personagem principal, Cândido, era caçador de escravos, porém não se trajava como os capitães do mato clássicos, narrados e descritos nos contos e pelos escravos, e também não andava pelas matas, pois Cândido era um caçador de escravos urbano. Seu território de caça eram as ruelas, portas de igrejas, mercadões públicos, as espeluncas, as aglomerações no porto, procissões, etc.<sup>4</sup> Candido casa-se com Clara com quem tem um filho. Com a escassez de escravos, Candido não tem como sustentar seu filho e a única saída seria colocá-lo na roda dos rejeitados para não morrer de fome. O pai luta pela sobrevivência do filho, procurando soluções. Sem ter condições para sustentá-lo Cândido sai de casa para entregar o filho na roda. Ao mesmo tempo vê uma negra fugida e sai em sua perseguição na esperança de obter dinheiro para salvar seu filho. Assim que a caçou, a negra implora para que não a entregue ao seu senhor, pois está grávida. No entanto, Candido pensa no seu filho e entrega a escrava para o seu dono, que perde o bebe devido ao castigo recebido, e recebe sua recompensa.

Mesmo o tema girando em torno da escravidão, o autor não deixa de mostrar o lado mesquinho do ser humano. O autor expõe a miséria humana, através dos dramas paralelos de um pai contra mãe, lutando por duas vidas, em que o indivíduo é capaz de aplacar sua consciência, mesmo tendo cometido o maior dos crimes, justificando a troca de uma vida pela outra<sup>5</sup>.

Equiparando as narrativas de Assis com a de Martins, podemos averiguar que ambos retratam as mazelas do ser humano. No entanto, as obras machadianas são mais abrangentes e a obra de Valdomiro Martins se delimita em historiar uma classe específica: os negros, escravizados ou não, que viviam no Rio Grande do Sul.

Ao falarmos da representação do negro como sujeito não poderemos descartar o poeta Luis da Gama, porque foi o primeiro escritor a defender e dar voz ao negro na literatura brasileira. No poema *Lá Vai Verso!*, o autor através do eu-lírico negro e introduzindo valores

---

<sup>4</sup> Retirado do artigo Análise do conto ‘Pai contra mãe’, publicado no site *Artigonal*, pela Professora Bia Sendai. Disponível em: <http://www.artigonal.com/literatura-artigos/analise-do-conto-pai-contra-mae-3089246.html>. Acesso em 12/01/2013.

<sup>5</sup> Idem.

e símbolos africanos, reafirma suas origens e declara firmemente que o negro tem identidade própria, conforme Hélio José Luciano (2013, p. 13).

O ápice da representação do negro na literatura brasileira foi com o escritor Lima Barreto. O autor, engajado com a causa afrodescendente, através de suas narrativas, criticava a relação opressora da classe dominante sobre a dominada e também, por assumir sua condição de mestiço suburbano em uma sociedade branca e elitista, sofreu as consequências. Devido ao alcoolismo, doença que o acompanhou até sua morte, Lima Barreto não conseguiu deixar um grande acervo literário. Porém, criou personagens muito importantes como Isaías Caminha de *Recordações do escrivo Isaías Caminha*, de 1909 e Clara dos Anjos personagem que dá título à obra publicada postumamente em 1948.

No Rio Grande do Sul poderemos destacar, durante este mesmo período, o escritor pelotense João Simões Lopes Netto com a sua obra *Contos Gauchescos e Lendas do Sul* (1910). Nesse livro, o autor retrata o negro da região da campanha na época da escravidão como também às relações sociais e étnicas estabelecidas entre os negros e a elite campeira deste período.

Na segunda metade do século XX Jorge Amado traz à imagem estereotipada do negro e da mulata em suas narrativas, porém estes personagens são heróis e heroínas dentro do contexto em que atuam. Em seguida, surgiu um fenômeno editorial através da obra *Quarto de despejo- Diário de uma favelada*, de 1960, de Carolina Maria de Jesus uma autora que foge dos paradigmas literários por ser negra, semi-analfabeta e provinda de um meio que está caracterizado como excluído. Trata-se do diário de Carolina que vivia no subúrbio da cidade de São Paulo e neste gênero a autora narra o cotidiano de sua vida como catadora de lixo.

A partir da década de 1970, começou uma série de movimentos sociais de valorização da consciência negra ao mesmo tempo em que renascia a literatura brasileira, o que oportunizou o aparecimento de várias obras protagonizadas por afrodescendentes.

Dentre varias coletâneas elencadas por Ruffato (2009, p.08), citaremos: a coletânea de contos *O carro do êxito* (1972), de Oswaldo de Camargo; *Luanda Beira Bahia* (1971), de Adonias filho; obras surgidas no século XXI: *Contos negreiros* (2005), de Marcelino Freire e *Um defeito de cor* (2009), de Ana Maria Gonçalves.

A literatura escrita por afrodescendentes e com esta temática no Rio Grande do Sul se desvia para outro foco: a vivência dos negros nos pampas. Enquanto os negros que viviam nas regiões sudeste e nordeste brasileiras se instalavam nas casas de engenho e viviam nas grandes metrópoles, os negros gaúchos trabalhavam nas estâncias, na produção de charque e na lida campeira. No início do século XX, um dos autores que apresentavam o negro neste contexto é o escritor pelotense João Simões Lopes Netto que se dedicou a escrever sobre a cultura do povo da campanha, inclusive sobre a vida do negro que viveu e trabalhou nas estâncias da região sul do nosso Estado. Também poderemos citar o escritor Luis da Motta, integrante da Sociedade Parthenon Literário; Paulino Azureña que além de escritor foi um dos fundadores do jornal *Correio do Povo*. Atualmente, podemos mencionar o poeta e escritor Oliveira Silveira a que se inspirou nas riquezas da Mãe África; Paulo Ricardo de Moraes, Ronald Augusto, Jorge Fróes e Maria Helena Vargas e Valdomiro Martins.

A literatura afro-sul-rio-grandense não se delimita somente em destacar a vida dos negros que viviam nos pampas, mas também a mostrar a realidade de negros que viviam nas grandes cidades e num mesmo contexto social como é o caso da novela *Quatro Negros*, de autoria do professor gaúcho Luis Augusto Fischer, publicada em 2005. Baseado em fatos reais, com pessoas próximas, o narrador conta a história de quatro negros Janéti, Seu Sinhô, Rosi e Jorge, que apesar de não terem nenhum parentesco, tinham algo em comum: pertencem a um mesmo contexto social dos que migravam para as grandes cidades, uma vida precária. O narrador apresenta como personagem principal Janéti, uma negra nascida no interior do estado do Rio Grande do Sul, filha de pais negros, pobres e sem estudo. A intenção de Fischer nesta obra é mostrar a situação dos negros que migravam para as grandes cidades devido às dificuldades vividas no interior do estado em busca de melhores condições de vida. Isso nos leva a refletir sobre a situação dos negros que viveram nas comunidades quilombolas após a abolição da escravatura até o início do século XXI. Devido à fome, miséria e exploração por parte dos estancieiros, muitos quilombolas partiram para zona urbana em busca de um futuro melhor.

Com os pressupostos acima, deve-se refletir o quanto a cultura afro-sul-rio-grandense contribui e muito para a construção da identidade brasileira e da identidade gaúcha Tirando proveito disso, elaboramos o seguinte problema: Como a literatura afro-sul-rio-grandense, elaborada hoje, pode contribuir para a construção e reconstrução de uma identidade?

*Guerrilha e Solidão* (2008), lançado pela Litteralis Editora, livro de contos, explora os pampas com um ponto de vista nada comum na literatura sul-rio-grandense e, por isso mesmo, se apresenta surpreendente. Nesta obra, o autor coloca o negro como protagonista em todos os contos, algo inovador para a literatura brasileira e para a produção sul-rio-grandense em que é pouco vista a presença do mesmo, desta forma, em narrativas literárias. São histórias de pessoas que possuem defeitos, vícios e virtudes, como qualquer humano. Os temas desenvolvidos nos textos são: desvalorização da mulher negra, alcoolismo, assassinato, abuso sexual, suicídio, etc. Porém tudo isto visto a partir de um olhar específico: o dos próprios envolvidos. E é a partir destas narrativas que será abordada a representação e a construção da identidade do negro, observando de que modo às vivências ali representadas podem ser encontradas também nas comunidades quilombolas existentes na Região da Campanha.

A escassez de projetos sobre a representação do negro no contexto sul-rio-grandense é uma das motivações para que este trabalho fosse desenvolvido. Se nós levássemos em consideração a atual representação do negro na literatura, reconheceríamos que a mesma pode provocar várias discussões quanto à forma de vê-lo em suas relações com a sociedade e também quanto ao modo como a presença negra é marcante na constituição e história do Rio Grande do Sul, o que poderia conduzir um olhar mais veemente para a literatura criada à margem da literatura canônica. Tivemos como foco ampliar os conhecimentos sobre a presença da cultura africana, desenvolvendo uma pesquisa sobre a sociedade quilombola da Região da Campanha e, com isso, fazer um breve levantamento sobre obras que tematizam a presença negra, produzidas no Rio Grande do Sul, para que possamos aproximar os estudos históricos das representações literárias, mostrando como a literatura pode contribuir para certificar a identidade de grupos sociais.

A partir da análise da obra *Guerrilha e Solidão* (2008) realizamos uma pesquisa sobre as representações, as vivências ali narradas e o modo como se aproximam das experiências reais das comunidades quilombolas da região. Para isso, selecionamos três contos: **Guerrilha e Solidão**, **Uma Garrafa de Aguardente** e **A Hora da mãe**. A escolha destes contos é restritamente pessoal e utilizei o seguinte critério: aproximarmos as situações contidas nos contos com as histórias contadas pelos meus antepassados, utilizando-os como fonte de informação direta, oral e testemunhal.

Para o êxito desta ação, primeiramente fizemos uma pesquisa de campo (Biblioteca Municipal de Bagé, Museu Dom Diogo de Souza, sites da Internet) e uma pesquisa bibliográfica com diversificadas fontes como: livros, teses de mestrado e doutorado, revistas eletrônicas e impressas tendo como foco procurar informações sobre as sociedades quilombolas existentes na Região da Campanha e também sobre a representação do negro na literatura sul-rio-grandense.

Por fim, para que este trabalho fosse bem elaborado e para que fosse possível uma melhor leitura sobre uma cultura tão presente na formação identitária brasileira, o dividimos em três capítulos: no primeiro foi feito uma apresentação do trabalho para depois fazermos um pequeno panorama sobre a literatura afro-brasileira com um subtítulo dedicado ao aprofundamento da representação literária étnica negra na literatura sul-rio-grandense. Em seguida, no segundo capítulo, explanamos conhecimentos sobre as comunidades quilombolas do Rio Grande do Sul, em especial as comunidades da Região da Campanha. E para finalizar, no terceiro capítulo, foi realizada a análise dos contos selecionados do livro *Guerrilha e Solidão* (2008), de Valdomiro Martins, estabelecendo uma aproximação com a memória herdada de nossos antepassados.

### **1.1 Um Panorama sobre a Literatura Afro-brasileira**

Neste capítulo discutiremos um pouco sobre a literatura afro-brasileira, porém cremos que seja necessário explanarmos o porquê deste movimento.

Segundo Hélio José Luciano (2013, p. 04) desde os primeiros vestígios da literatura brasileira nota-se que se deixava transparecer um certo etnocentrismo, ficando claro um certo paradigma literário: “em que a cultura dominante do europeu dita as regras e referencia seus valores como sendo universais, levando o grupo dominado a um processo de supressão da identidade”. E este processo dominante/dominado contribuiu para a formação da literatura brasileira se estendendo até ao sistema escravagista em que o grupo mais afetado foi o negro, devido a representatividade negativa do mesmo. O autor salienta que o ápice desta representatividade negativa nas obras literárias surgiu entre os séculos XIX e XX época de avanços científicos quando a questão das raças começa a ser observada à luz do positivismo científicista que provocou a criação de teorias sociais como o darwinismo social, cujo pensamento da civilização e suas práticas sociais apontavam para um determinismo biológico

em que certas civilizações se sobressaem mais que outras, pois são contempladas pela natureza e a “seleção entre melhores e piores dá-se pela competição entre as raças; de acordo com os ditos pensadores sociais da época, o negro estaria inferiorizado por ser um sub-humano e não ser capaz de se adaptar ao ambiente, por isso, conforme essa teoria, o negro estaria fadado a desaparecer.” (LUCIANO, 2013, p. 06)

E é a partir desta perspectiva que a condição estereotipada pareceu mais significativa. O autor ressalta que nesta época os escritores eram brancos e oriundos de classes de maior poder aquisitivo e a tendência era seguir um padrão homogêneo, ditado por um cânone literário, ou seja, as obras escritas deveriam seguir um modelo estético dominante (europeu), para serem reconhecidos.

Em contrapartida, na ânsia de constituir uma identidade perdida, já enfatizada em tantos movimentos sociais por diversos autores negros, entre eles, Luis Gama, Lima Barreto e Solano Trindade, que denunciavam o preconceito sofrido pelos negros através da escrita, surgiu a literatura afro-brasileira que deu foco a figura do negro: “e representou tudo aquilo que tinha sido considerado marginal até então.” (LUCIANO, 2013, p. 07). Nesse momento o negro passa a ser visto como integrante e agente de uma sociedade. Foi nessa desconstrução que surgiram, em 1978, os *Cadernos Negros*, coletânea de contos, poemas, crônicas de autores afro-descendentes, que foi uma ferramenta determinante para a ascensão da negritude no nosso país. Porém, como todo novo movimento social, levantam-se discussões que serão expostas abaixo.

As discussões sobre a produção literária provinda de autores afro-descendentes, no contexto brasileiro, começam pelo próprio adjetivo: afro-brasileira. Esta expressão tem gerado várias contrariedades entre muitos estudiosos dos Estados Unidos, Caribe, Antilhas e Brasil interessados neste tipo de criação literária nos mais diversos enfoques: temático, étnico, identitário, editorial, etc. Estes critérios, segundo Edimilson de Almeida Pereira (1995), em seu artigo *Panorama da Literatura Afro-brasileira*<sup>6</sup>, são pouco abrangentes se observarmos que vários autores negros e mestiços escreviam de acordo com os clássicos europeus e que diversos autores “não-negros” publicavam obras com temática interessada pelos afro-brasileiros. Edimilson Pereira defende a busca de “um critério pluralista, estabelecido por

---

<sup>6</sup> PEREIRA, D. A. Panorama da literatura afro-brasileira. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literaafro/data1/artigos/artigoedmilsoncallaloo.pdf>. Acesso em 26/10/2012.

orientação dialética, que possa demonstrar a Literatura Afro-brasileira como uma das faces da Literatura Brasileira” (PEREIRA, 1995, p. 01), uma vez que a Literatura Brasileira é composta pela expressão de várias culturas, não se delimitando à africana. Outros, contrários ao uso do termo como propõe Edmilson Almeida Pereira, defendem ainda que “tanto o termo “negro (a)” como a expressão “afro-brasileiro (a)” são utilizados para caracterizar uma particularidade artística e literária ou mesmo uma cultura em especial”, como é o caso de Fiorentina de Souza (SOUZA, 2006, p.12). Para eles, ambas as expressões são excludentes, uma vez que singularizam questões que poderiam ser discutidas levando em consideração o conjunto global da cultura de um povo. Trazendo este mesmo conceito para o contexto cultural brasileiro, tais expressões especificam questões voltadas para a manifestação da cultura afro-brasileira, que deveriam ser discutidas juntamente na grande área da cultura brasileira.

Por outro lado, outros teóricos como Maria Nazareth Soares Fonseca, por exemplo, defendem que a particularização é necessária, uma vez que o uso de termos abrangentes, como “literatura brasileira”, pode levar a que os conflitos de uma certa especificidade cultural sejam nivelados e minimizados (SOUZA, 2006, p.12). Alguns autores também defendem que a expressão “literatura afro-brasileira” acentua ainda mais a discriminação étnica; outros acreditam na sua adequação, referindo-se a uma literatura que se diferencia das outras obras, pois tematiza o negro como protagonista, embora a expressão transmita conceito egocêntrico.

A literatura afro-brasileira valoriza a cultura africana como forma de resistência aos paradigmas literários preestabelecidos pelos colonizadores europeus. Os autores, em suas narrativas, narram à vida, costumes e valores da comunidade negra brasileira. Para Zilá Bernd, o discurso afrodescendente quer romper com a estrutura ‘oficial’ visando à construção de ‘uma nova ordem simbólica’, de ‘um novo discurso’ que mostre a ‘reversão de valores’ (BERND, 1987, p. 22), no qual fica evidente “a recusa do negro em ficar ‘no seu lugar’, isto é, abaixo dos brancos” (BERND, 1987, p. 85).

Por outro lado, as dificuldades dos autores negros em publicar suas obras para o grande público determinam a escassez da variedade de obras afro-brasileiras em circulação. Embora procurem valorizar em seus textos as qualidades da comunidade negra, estes escritores têm sido resistentes ao uso de expressões como “escritor negro”, uma vez que possam rotular ou aprisionar suas produções literárias, como há aqueles que “consideram que essas expressões permitem destacar sentidos ocultados pela generalização do termo

‘literatura’. E tais sentidos dizem respeito aos valores de um segmento social que luta contra a exclusão imposta pela sociedade” (SOUZA, 2006 p. 14).

Perante as dificuldades apontadas anteriormente, começam a surgir no contexto literário editoras visando dar voz aos escritores negros. No Brasil, durante os séculos XVIII, XIX e início do XX, os africanos e seus descendentes incluíram traços de sua cultura no cotidiano dos colonizadores e dos indígenas que aqui se encontravam. A linguagem oral ainda era a responsável pela transmissão de valores, de mitos, de enigmas, de fórmulas e demais criações dos vários grupos étnicos advindos do continente africano. O exemplo vem da “Imprensa Negra”: “um conjunto de jornais que foram publicados a partir do século XIX, com a intenção de criar meios de comunicação, educação e protesto para os leitores aos quais se dirigia” (SANTOS, 2005, p. 03). Esta imprensa alternativa, oriunda do “tratamento desigual entre a população dominante (branco) e a minoritária (negra) que veicula os direitos dos negros que se manifestam contra esse tratamento” (FERRARA, 1982, p.01), surgiu trazendo o cotidiano dos descendentes africanos, representando “as idéias e aspirações das principais lideranças daquele expressivo contingente populacional” (SANTOS, 2005, p. 03) socializando e integrando esta comunidade. Por causa disso, ela passa a cumprir um papel importante na vida dos afrodescendentes, registrando os acontecimentos do cotidiano da comunidade negra como casamentos, datas festivas, batizados, anúncios de doenças e funerais.

Dentre os vários periódicos publicados sob esta linhagem podemos exemplificar os jornais *O Menelick* (1915), *O Bandeirante* (1919), *A Rua* (1916), *O Xauter* (1916), *A Sentinela* (1920), e *Getulino* (1923), publicados no estado de São Paulo. No Rio de Janeiro, tem-se: *O Homem de Cor*, *O Mulato*, *O Brasileiro Pardo*, *O Cabrito* e *O Meia Cara*, publicados entre os anos 1833 e 1867. No contexto brasileiro, as impressões dos periódicos eram feitas de acordo com os recursos financeiros dos responsáveis pelos jornais; portanto, se houvesse dinheiro, havia jornal, caso contrário fazia-se uma produção de menor quantidade.

Cabia também a esta imprensa fazer com que o negro se conscientizasse do seu papel como cidadão e se impusesse na sociedade brasileira com direitos e deveres superando a passividade e o conformismo. Artisticamente, a Imprensa Negra foi um expositor de grandes autores como Machado de Assis, Luiz Gama, José do Patrocínio, no contexto brasileiro, e Luis da Motta, José Bernadino dos Santos, no contexto sul-rio-grandense.

No Rio Grande do Sul, a Imprensa Negra é legitimada através de periódicos como: *O Exemplo* (Porto Alegre, 1892-1930), *A Cruzada* (Pelotas, 1905), *A Navalha* (Santana do

Livramento, 1931), *A Revolta* (Bagé, 1925), *A Hora* (Rio Grande, 1917-1934), *A Alvorada* (Pelotas, 1907- 1910; 1930 – 1937; 1946 – 1957), *O Ébano* (1962). (SANTOS, 2003, p. 07).

Embora perdesse a força durante os anos com a evolução da tecnologia para a confecção dos jornais, as publicações permaneceram e começaram a ganhar novos formatos, inclusive, transportando-se para a internet, no Rio Grande do Sul. A partir da década de 70, a edição da revista *Tiçãõ I* surge com o objetivo de colocar em debate a discriminação racial no Brasil. Dezesete anos depois, em 1987, o CECUNE - Centro Ecumênico de Cultura Negra passou a promover projetos sociais, principalmente de cunho comunicacional, e mostras de cinema focalizando a temática negra na capital gaúcha. O mesmo grupo promoveu ainda a edição do Jornal *Como é* que teve duração de 1995 a 1998, a publicação da *Revista Conexão Negra* (2003) e, atualmente, mantém o *website Nação Z*, pela editora ILU. Voltada para a divulgação das manifestações culturais afro-brasileiras, a revista digital já circula nos três estados da região sul do país: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Não podemos deixar de destacar a importância da revista **Quilomboje**. Fundada em 1980, por Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Cuti e Abelardo Rodrigues buscavam o incentivo e uma reflexão sobre a produção de uma literatura comprometida com a valorização da cultura afro-brasileira.<sup>7</sup> A postura adotada pela revista paulista é de “ir onde o povo negro está”, vendendo os livros em eventos e para o mercado editorial. Hoje, com versão eletrônica, a revista virtual é responsável pela publicação do livro *Cadernos Negros* (2009) que são coletâneas de contos escritos por autores afrodescendentes em que vários deles foram revelados, como, por exemplo, Valdomiro Martins. Este autor lançou, neste caderno, dois contos: *Bifurcações do Tempo* e *Entrevista de Emprego*.

---

<sup>7</sup> Informação retirada do livro *Questão de pele*, organização de Luiz Ruffato. Disponível em: <http://www.linguageral.com.br/site/downloads/titulos/77.pdf>. Acesso em 30/11/2012.

## 1.2. Um Breve Histórico sobre a Representação do Negro na Literatura Sul-rio-grandense: Negro Bonifácio e Negrinho do Pastoreio

Em relação à produção literária ficcional gaúcha podemos citar o escritor João Simões Lopes Netto. Este autor, que nasceu em Pelotas, em 1865, e faleceu na mesma cidade, em 1916, foi ficcionista, poeta e jornalista. Durante sua trajetória como escritor publicou: *Cancioneiro Guasca* (1910- poesias), *Contos Gauchescos* (1912- ficção); *Lendas do Sul* (1913- ficção), *Contos Gauchescos e Lendas do Sul* (obra póstuma- 1926- ficção), *Contos do Romualdo* (obra póstuma- 1952), *Terra Gaucha* (1955- obra póstuma). Ainda, tem-se a *Obra completa* (2003) publicada pelas editoras Sulina, J.A. editores e Copesul.

Com imaginação estupenda, Simões Lopes tornou-se um dos maiores contadores de história no contexto literário nacional e um dos precursores da literatura sul-rio-grandense. A representação da vida campeira nas estâncias da região sul do país era o cenário principal para suas narrativas e nestes panos de fundo o autor insere o negro como personagem e, algumas vezes, como protagonista. Em sua obra *Contos Gauchescos e Lendas do Sul* (1984) os fatos são narrados pelo velho Blau Nunes, que conta aventuras de peões e soldados utilizando a linguagem típica do nativo do interior do estado do Rio Grande do Sul; a temática gira sempre em torno da figura do gaúcho guerreiro, trabalhador e rústico conforme Carlos Nejar, no *livro História da Literatura Brasileira* (NEJAR, 2008, p.126). Dentre as diversas histórias contadas neste texto literário citaremos e analisaremos os contos “O Negro Bonifácio” e o “Negrinho do Pastoreio”.

Narrado em terceira pessoa, o conto “O Negro Bonifácio” é uma das narrativas que compõem esta obra em que Blau Nunes conta a história de Tudinha, a menina mais bonita do povoado, que vive com sua mãe, dona Firmina. Filha do Capitão Pereirinha, a moça era cortejada por todos os homens da cidade, inclusive por Nadico, que estava apaixonado por ela. Num certo dia, durante a visita de Tudinha e de sua mãe nas carreiras de seu pai, apareceu Negro Bonifácio acompanhado por uma moça, que logo dispensa, e desafiou Tudinha para apostar uma carreira, propondo como prêmio uma “libra de doces”. A moça ganha e o Negro entrega uma libra conforme prometido, mas Tudinha pede para que a entregue a sua mãe, e não a ela diretamente. Negro Bonifácio insistiu em entregar em mãos e Nadico, irritado com a situação, pega a bandeja de doces e a atira no rosto do Negro, que se irrita e começa a brigar

com Nadico e com os outros pretendentes da moça, gerando uma enorme confusão. O resultado acaba em morte de quase todos, inclusive do Negro Bonifácio, morto pela Tudinha. No final da história, descobre-se que eles tiveram um relacionamento amoroso e a moça fora logo dispensada por Negro Bonifácio.

A narrativa se passa no início do século XVIII. Nesta época a economia do país ainda era mantida pela mão de obra escrava, portanto a história reflete o quanto separações entre classes raciais era predominante. A atitude que teve Bonifácio de se aproximar de Tudinha é mal vista pela sociedade pelo fato de ele estar numa condição de escravo, de pele escura e por ela ser filha de capitão, de tez branca. O negro tornou a insistir em entregar a “libra de doces”, pois para ele este era um ato de honestidade e de dignidade. Por outro lado, alguns homens interessados pela moça acharam um despautério sua atitude e o agrediram. Este episódio mostra a repressão sofrida pelos negros decorrente daquela época, uma vez que eram considerados de raça inferior, não poderiam frequentar lugares que não fossem à condição de serventia, de um lado, e, por outro, mostra a impossibilidade de relacionamentos inter-raciais e a tensão entre brancos e negros, que demonstra um cenário de intolerância em que o ódio fala mais alto.

Outra história que exemplifica a vida do negro quanto à intolerância e ao modo covarde pelo qual eram tratados é a lenda “Negrinho do Pastoreio”. Importante salientar que estamos falando de uma lenda que pertence a um passado longínquo, que é transmitida pela tradição oral e que coube a Simões Lopes aprimorar, dando-lhe uma versão final. Contada também em terceira pessoa, narra a história de um estancieiro que era muito avarento e que tinha confiança em três seres: seu filho, o cavalo baio, e um negrinho, pequeno ainda e “preto como carvão”, o qual era chamado somente de negrinho. Este menino não tinha pai nem mãe e não lhe deram nome, e vivia na campanha trabalhando para este senhor na lida do campo e pastoreando cavalos. Certo dia, após perder em uma carreira, o patrão deu uma surra de relho no negrinho e mandou-o para cuidar dos animais, como forma de castigo. Chorando e com muita fome, o negrinho cuida dos cavalos, porém o cansaço faz com que cochile por algum tempo e quando acorda os cavalos desapareceram. Por sorte, o negrinho os encontra e retorna a pastoreá-los. Porém o filho do estancieiro, num descuido do escravo, liberta os cavalos e conta para o seu pai que o pega em flagrante dormindo. Consequentemente, o pequeno escravo toma uma surra até a morte e é colocado em um formigueiro para não se perder tempo

enterrando-o. No dia seguinte, o estancieiro vai até o local em que o colocou e ao chegar lá, o vê tendo ao lado à Virgem Nossa Senhora, cai de joelhos. O narrador finaliza a história dizendo que quando se perde algo, deve-se pedir para o negrinho que o ache, acendendo-lhe uma vela. Por ser uma lenda, se imprimiu no imaginário popular que passou a fazer disso um costume seguido pelos que vivem na campanha sul-rio-grandense.

Nesta história, o Brasil ainda estava sob regime escravagista. No momento em que o negrinho era caracterizado “preto como carvão”, órfão de pai e mãe e somente denominado como “negrinho” mostra o quanto o negro ainda era visto como ser inferior. O modo como o estancieiro e seu filho tratavam o negrinho e a maneira pela qual foi sepultado, representam o enorme poder e crueldade de uma classe sobre a outra num ambiente de alta crueldade, truculência nas relações tanto pessoais quanto sociais em que nestas relações imperava o autoritarismo e a judiaria bestial.

Perante a análise destas duas narrativas voltadas para a temática estudada, podemos deduzir que há uma relação intrínseca entre as narrativas de Simões com as do autor Valdomiro Martins. Em ambas as histórias são contadas histórias de negros que viveram no Estado na época da escravidão. Porém, as narrativas de Simões mostram o negro como vítima e protagonista de confusões, porém era reconhecido por sua dignidade e fé. Nos contos de Martins os negros são mostrados como seres humanos, com defeitos e qualidades, capazes de fazer atrocidades, ter pensamentos ruins tanto quanto os brancos, tirando-os da condição de vítimas.

## 2. COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Antes de falarmos sobre as comunidades quilombolas, começaremos a discutir sobre as organizações que deram origem as comunidades que remanescem neste século: os quilombos.

Segundo o portal Infoescola, quilombo é assim denominado:

Quilombo é um movimento amplo e permanente que se caracteriza pelas seguintes dimensões: vivência de povos africanos que se recusavam à submissão, à exploração, à violência do sistema colonial e do escravismo; formas associativas que se criavam em florestas de difícil acesso, com defesa e organização socioeconômicas e política própria; sustentação da continuidade africana através de genuínos grupos de resistência política e cultural. (NASCIMENTO, 1980, p.32).<sup>8</sup>

Os quilombos foram, sem dúvida, o recanto de resistência de escravos. Pequenos ou grandes, estáveis ou de vida precária, os quilombos eram encontrados em qualquer lugar, onde existisse escravidão, como elemento do desgaste do regime servil (MOURA, 1988, p. 103). Eram organizações político-militares que nasceram de revoltas, levantes com o objetivo de fazer-se aclamar a queda do sistema escravocrata.<sup>9</sup> A organização interna constituía-se de acordo com o sistema tribal que os negros traziam da África e nestes locais a hierarquia fundamentava-se sob uma nova forma de valores em que a relação senhor – escravo deixava de existir, valendo um novo sistema dentro dos padrões estabelecido pelos próprios indivíduos do quilombo (MOURA, 1988, p. 104). A dimensão dos quilombos variava de acordo com o número de habitantes.

O surgimento dos quilombos registra-se no princípio da escravidão no Brasil, provavelmente em 1530, e terminou com a abolição (1888). A organização dos escravos que viviam nestes locais determinou a sobrevivência dos quilombos. Provavelmente, os primeiros quilombos surgiram ainda no período do Brasil Colônia em meados do século XVI, mais precisamente, segundo Luiz Luna, em 29 de março de 1549, época em que uma considerável quantidade de negros-africanos cativos vieram trazidos pelos padres jesuítas e pelo governador Tomé de Souza para serem comercializados e trabalharem nas fazendas de engenho de açúcar (FIABANI, 2012, p.259). Não é possível determinarmos datas referentes à

---

<sup>8</sup> Retirado do artigo *Quilombos no Brasil e a singularidade de Palmares*, de Maria Loudes Moreira. Disponível em: <http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/quilombos-no-brasil.pdf>. Acesso em 18/04/2012.

<sup>9</sup> Idem.

fundação do primeiro quilombo, porém segundo José Honório Rodrigues a formação dos quilombos começou em 1559 e foi até a abolição da escravatura (Idem).

Na década de 1880, oito anos antes da Lei Áurea, surgiram inúmeros quilombos reprimidos pelas forças militares em regiões como São Paulo e Rio de Janeiro. Nas cidades interioranas, escravos fugidos tentavam viver como homens livres através de vários subterfúgios, mas também havia os que viviam nas matas reunidos em grupos, sobrevivendo de pequenos furtos nas vilas próximas. Após a abolição, a resistência já não era mais necessária e, conseqüentemente, os quilombos deixaram de existir, transformando-se em um novo módulo de lugar: as **comunidades quilombolas**.

A autora Lúcia Andrade (2013) conceitua que:

Os grupos étnicos conhecidos como “comunidades remanescentes de quilombos”, “quilombolas”, “comunidades negras rurais” são constituídos pelos descendentes dos escravos negros que, no processo de resistência à escravidão, originaram grupos sociais que ocupam um território comum e compartilham características culturais até os dias de hoje.<sup>10</sup>

No Brasil existem comunidades quilombolas nos 24 estados e, uma vez habitando distintos ecossistemas, o modo de subsistência destas sociedades é retirado dos recursos naturais variados, dependendo do local onde se situam. Porém, não se restringe ao Brasil a permanência das comunidades quilombolas. Estão também inseridas na América do Sul como Colômbia, onde são conhecidos como *cimarrones*, Equador e Suriname e da América Central, como Nicarágua, Honduras e Belize onde são conhecidos como *creoles* e *garífunas*<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> Informação retirada do artigo *Comunidades Quilombolas no Brasil, Semana da consciência negra, por Lucia Andrade*. Disponível em: <http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=47> no dia 04/02/2013.

<sup>11</sup> Etnia *Garífuna* ou *Garifuna* são os integrantes de um grupo étnico cafuno primariamente estabelecido na costa dos países de Belize e Honduras. O povo garífuna foi formado pela miscigenação de índios caraíbas e aruaques com escravos africanos. Segundo uma tradição oral coletada pelo missionário francês Raymond Breton, em 1630, os aruaques migraram para as Antilhas onde conviviam com os caribs antes da chegada dos europeus. Dois navios espanhóis, com um cargo de escravos, atracaram em uma das ilhas. Alguns destes escravos se misturaram com os garífunas, que se refugiaram na costa do Belize e Honduras. Retirado do artigo Garífunas, publicado no site Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível no link: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gar%C3%ADfunas>

Em Honduras existem duas etnias: os negros *creoles* e os *garífunas*. Em relação aos negros da segunda ordem não há muitas informações na região de Honduras. Os negros creoles chegaram nas ilhas nos séculos XVIII e XIX. Houve dois principais aspectos que os levaram esta cidade. O primeiro foi a primeira onda trazida por britânicos que governou as ilhas (portanto, eles são também denominados negros ingleses) e a segunda leva de negros foi trazida no início do século XX por companhias bananeiras norte-americanas e veio da Jamaica, Grand Cayman, Trinidad e Tobago e outros territórios das Antilhas. Os *creoles* usam um dialeto Inglês Caribenho (Bay Island's English); praticam a religião cristã - evangélica e se identificam plenamente com a cultura anglo-americana do Caribe. Alguns vivem em terra firme ao longo da costa do Atlântico, nas cidades de Puerto Cortes, Tela, La Ceiba e Trujillo. O número total de negros creoles ainda é desconhecido.

Algumas das comunidades em território brasileiro estão localizadas em lugares remotos do estado da Amazônia, outras nas zonas rurais como também nos centros urbanos.<sup>12</sup> Desta diversidade de núcleos podemos destacar os quilombos do estado de Alagoas, mais precisamente na cidade chamada União dos Palmares, onde se encontra a maior e mais importante comunidade quilombola do país: o Quilombo dos Palmares.

Surgido na era colonial, este grande núcleo localizava-se na Capitania de Pernambuco, na Serra da Barriga que pertence atualmente ao município de União dos Palmares no estado de Alagoas. Este quilombo teve o apogeu durante a segunda metade do século XVII, período em que o Brasil passava por uma fase de miséria e crise financeira enquanto nos quilombos a fartura era predominante, mas isso só era possível devido ao regime de propriedade comunitária da terra, onde todos os palmarinos podiam dispor de um lote de terras para o plantio. Os produtos gerados deveriam ser divididos entre os moradores para a sua subsistência, outra parcela iria para o armazenamento para o surgimento de alguma emergência. E ainda poderiam comercializar como vizinhos próximos do Quilombo dos Palmares (DOS REIS, 2004, p. 01). Segundo Clovis Moura, os habitantes aproveitavam o difícil acesso pela floresta, à fertilidade das terras, a abundância de madeira, caças, facilidade de água e meios de defesa da região. Neste local foram se aglomerando e reunindo pessoas, juntando braços para guerra e trabalho e formando a maior tentativa de autogoverno dos negros fora do continente africano, (MOURA, 1988, p.205). Por causa dessas vantagens, o Quilombo dos Palmares resistiu por mais de um século, tornando-se Zumbi seu principal líder e o quilombo o moderno símbolo de resistência do africano à escravatura<sup>13</sup>. Além da comunidade citada acima, existem outros como o Quilombo do Ambrósio, o principal do estado de Minas Gerais.

O estado do Rio Grande do Sul também teve sua experiência em relação à construção destes núcleos. Os negros vieram para o estado no início do século XVI, pelo litoral rio-

---

**Tradução minha.** (retirado do site Cultura de Honduras. Disponível em: <http://www.hondurastips.hn/culturas-vivas/>. Acesso em: 04/01/13).

<sup>12</sup> Retirado do artigo *Comunidades Quilombolas no Brasil, Semana da consciência negra*, Lúcia Andrade. Publicado no site da Secretaria da Educação do Governo do Paraná. Disponível em <http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=47>. Acesso em: 18/04/2012.

<sup>13</sup> Quilombo dos palmares. *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível no link: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Quilombo\\_dos\\_Palmares#O\\_apogeu](http://pt.wikipedia.org/wiki/Quilombo_dos_Palmares#O_apogeu). Acesso em: 08 mar. 2013.

grandense, exatamente no ano de 1635, na expedição de Raposo Tavares pelo Vale dos rios Taquari e Jacuí. Outro episódio foi no ano de 1680, na fundação da Colônia de Sacramento, pela expedição comandada por Manoel Lobo. A frota era composta por 260 pessoas, sendo 200 militares e 60 escravos e destes 41 pertenciam ao comandante, representando 20% da população, seis mulheres índias e uma branca e índios.<sup>14</sup> Em 1780, devido a favorável situação econômica do estado em relação à produção de charque, exigiu-se uma grande leva de escravos para o interior gaúcho, precisamente para a cidade de Pelotas, município que concentrava a maior produção desta iguaria. Na cidade calcula-se que havia 3.280 negros, representando 29% da população total do Rio Grande do Sul, naquela época, e se concentravam em duas grandes principais regiões. Uma se localizava ao longo da estrada dos tropeiros, ligando o extremo sul do Rio Grande ao restante do País, pela rota Rio Grande-Mostardas-Porto Alegre-Gravataí-Santo Antônio da Patrulha-Vacaria, onde ficavam as grandes estâncias; estimava-se que nessas localidades concentravam-se 65% dos nativos.

Outra região de grande concentração de escravos era o eixo Porto Alegre-Caí-Taquari-São Jerônimo-Santo Amaro-Rio Pardo-Cachoeira, situada ao longo do Jacuí, onde se concentravam 35% dos escravos, principalmente na cidade de São Jerônimo.

Porém, com a valorização do charque os dados seriam aumentados, saltando o número de escravos para 50% da população gaúcha em 1822, tanto que José Antonio Gonçalves, estancieiro e charqueador de Pelotas na época, estipulou que dos 106.196 habitantes desta província, metade fossem escravos.<sup>15</sup> Uma vez que os nativos africanos, na época da Colônia do Sacramento, já eram mercadorias contrabandeadas e o aumento do Tráfico Negreiro já se constituía um fato nas Charqueadas, é possível afirmarmos que, 52 anos mais tarde, em 1874, vale ressaltar que já havia passado 24 anos da lei Bill Aberdeen<sup>16</sup>, o Rio Grande do Sul era a terceira província brasileira com maior contingente de escravos em sua população, ficando

<sup>14</sup> RS VIRTUAL. Negros: a história dos gaúchos sem história. Disponível em <http://www.riogrande.com.br/historia/colonizacao6.htm>. Acesso em: 08 mar. 2013.

<sup>15</sup> RS VIRTUAL. Negros: a história dos gaúchos sem história. Disponível em <http://www.riogrande.com.br/historia/colonizacao6.htm>. Acesso em: 08 mar. 2013.

<sup>16</sup> Bill Aberdeen: se trata de uma lei aprovada pelo Parlamento Britânico em 1845 que concedia ao Almirantado Inglês a prisão de navios negreiros, que transportavam negros cativos clandestinamente para a América, e dava o poder aos Almirantes britânicos de julgar os comandantes destes navios.

atrás somente do Rio de Janeiro e Espírito Santo e a frente de estados como Bahia e Minas Gerais.<sup>17</sup>

Na Região da Campanha era quase impossível fugir para cidades próximas, pois o “pampa é área de esconderijo difícil”, conforme José Carlos Sebe Bom Meihy (2010)<sup>18</sup> graças a sua vegetação rasa, e isso fez com que os escravos fugidos se instalassem na região serrana sulina. Segundo alguns sites de pesquisa<sup>19</sup>, os principais quilombos são: Quilombo do Negro Lúcio (Ilha dos Marinheiros), Quilombo do Arroio, Quilombo da Serra dos Tapes, Quilombo de Manuel Padeiro, Quilombo do município de Rio Pardo, Quilombo da Serra do Distrito do Couto, Quilombo no município de Montenegro. Estas sociedades se diferenciam umas das outras quanto ao modo de viver. Foram fundadas a partir de diferentes processos de resistência, inclusive as manifestações culturais são distintas de uma comunidade para outra.

Segundo o site Infoescola, atualmente há mais de duas mil comunidades remanescentes lutando pelo direito de permanecerem nas terras habitadas desde seus antepassados, como é o caso da Comunidade Quilombola de Palmas, localizada na zona rural da cidade de Bagé, no estado do Rio Grande do Sul, que lutou durante anos contra proprietários rurais da região para obter a posse de suas terras e que somente em 2007 adquiriu seu alvará de reconhecimento. O site Ação Fome Zero afirma que no Brasil há aproximadamente 1.838 comunidades quilombolas certificadas. O documento, cedido pela Fundação Cultural Palmares, garante às famílias a normalização de suas estadias nos territórios juntamente ao INCRA- Instituto Nacional de Colonização de Reforma Agrária. O mesmo documento garante o acesso às políticas públicas disponibilizadas pelo governo federal com ações de transferência de renda, como o Bolsa Família, e de segurança alimentar, como a distribuição de alimentos.

---

<sup>17</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Laboratório de Observação Social. Decreto Nº 4.887 e IN/INCRA Nº 20/2005. **Relatório sócio, histórico e antropológico da Comunidade Quilombola de Palmas- Bagé/RS**, Porto Alegre, 2007. p. 80

<sup>18</sup> MEIHY, José. Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. *Resenha Brasil*. Disponível em <http://resenhasbrasil.blogspot.com.br/2010/05/liberdade-por-um-fio-historia-dos.html>. Acesso em 28 jan. 13.

<sup>19</sup> QUILOMBOS NO LITORAL DO RIO GRANDE DO SUL. Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Quilombos\\_no\\_Litoral\\_Norte\\_do\\_Rio\\_Grande\\_do\\_Sul](http://pt.wikipedia.org/wiki/Quilombos_no_Litoral_Norte_do_Rio_Grande_do_Sul). Acesso em 28 jan. 13.

## 2.1 Comunidades Quilombolas no Rio Grande do Sul

A Federação das Associações das Comunidades Quilombolas do Rio Grande do Sul informa que no nosso estado, segundo o site Comissão Pró-Índio de São Paulo, existem mais de 130 Comunidades Quilombolas no território gaúcho. De acordo com o mesmo, é possível identificar regiões com uma grande concentração dessas sociedades, como: o litoral sul-riograndense onde situam-se os municípios de São Jose do Norte e Mostardas, Tavares e Palmares do Sul; a região central onde localizam-se as cidades de Restinga Seca, Formigueiro e entorno e a Serra do Sudoeste, a oeste da Lagoa dos Patos. Somente a região de Porto Alegre abriga mais de seis quilombos urbanos.<sup>20</sup>

Conforme a Federação Gaúcha, existem quilombos tanto nas zonas urbanas quanto nas zonas rurais, principalmente na capital. Este fenômeno deve-se ao fato de que nas cidades sulinas havia maior concentração de escravos africanos e estes, quando fugiam, permaneciam na zona urbana, pois estavam pouco habituados a vida da zona rural. Com a ajuda de escravos e senhores contrários ao sistema escravagista, muitos se passavam por negros alforriados para não serem capturados. (MAESTRI, 2005, p.298)<sup>21</sup> Uma das comunidades quilombolas de maior representatividade é o Quilombo do Negro Lucas. Localizado na Ilha dos Marinheiros no município de Rio Grande, importante cidade na época, era um lugar de terra fértil e mata fechada. Neste local, viviam seis homens e quatro mulheres que haviam fugido há mais de dez anos. Viveram perto da zona urbana, andavam armados e se escondiam nas matas locais, resistindo até 1833, quando durante uma emboscada da guarda nacional Negro Lucas foi assassinado e o restante do grupo fugiu e se dispersou.<sup>22</sup> Somente na capital, podemos citar as comunidades quilombolas dos Alpes, do Areal da Baronesa, Comunidade Quilombola da Vila dos Sargentos, Família Fidélis e Família Silva. Na região metropolitana, existe a comunidade Chácara das Rosas, na cidade de Canoas.

Os quilombos rurais estão presentes em todo o Rio Grande do Sul e há mais incidência em algumas regiões. Podemos citar as comunidades situadas no litoral e em toda a região que

---

<sup>20</sup> COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Comissão Pró Índio de São Paulo*. Disponível no site: [http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/i\\_brasil\\_rs.html](http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/i_brasil_rs.html). Acesso em 07/02/2013.

<sup>21</sup> NEGRO NA MÍDIA RS. Origem dos quilombos urbanos no Rio Grande do Sul. Disponível em <http://negronamidiars.blogspot.com.br/2011/02/origem-dos-quilombos-urbanos-do-rio.html>. Acesso em 10 de fev. 2013.

<sup>22</sup> Idem.

abrange as lagoas e o oceano atlântico onde estão as cidades de São José do Norte, Tavares, Mostardas, Palmares do Sul, Capivari do Sul, Maquiné e Terra de Areia. Aqui, estão as comunidades de Casca, Limoeiro, Beco dos Coloidianos, Teixeira, Olho D'Água, Caporocas. Próximo ao litoral, ao norte do estado, há ainda outras comunidades em municípios vizinhos a Porto Alegre. É o caso da comunidade de Manoel Barbosa no município de Gravataí, e da comunidade de Cantão das Lombas no município de Viamão.

Outra zona que concentra grande número de comunidades é o centro do estado nos municípios de Jacuizinho, São Sepé e proximidades. Nestas cidades estão localizadas as comunidades de Passo dos Brum, Cerro do Formigueiro, dos Caixões e Júlio Borges. O mesmo site destaca a região oeste da Laguna dos Patos, na Serra do Sudeste e municípios anexos. Ali estão abrigadas as comunidades de Alto Caixão, Manoel do Rego, Macambique/Cerro do Quilombo, Serrinha, Rincão do Quilombo e outras.

## 2.2 Comunidade Quilombola de Palmas

Localizada na zona rural de Bagé, a Comunidade Quilombola de Palmas situa-se ao norte do município de Bagé pertence ao 7º distrito municipal e ao Conselho Regional de Desenvolvimento (COREDES). Este conselho abrange também as cidades de Aceguá, Bagé, Caçapava do Sul, Candiota, Dom Pedrito, Hulha Negra e Lavras do Sul.

A comunidade limita-se aos seguintes municípios: Lavras do Sul e Caçapava do Sul, ao norte; República Oriental do Uruguai, ao sul; Pinheiro Machado, Hulha Negra e Candiota, ao leste; Dom Pedrito e a República Oriental do Uruguai, ao oeste. As principais vias de acesso são as estradas BR 153, BR 293 e BR 290.

Os segmentos populacionais que compõem esta região são: Rincão dos Alves, o Rincão do Pedreira, o Campo do Sr. Ourique Ribeiro (Campo do Ourique) e Rincão do Inferno. Estes se localizam ao norte do nosso município, ao sul do Rio Camaquã, a leste do Arroio Palmas e a oeste da BR 153. Inclusive esta região tem acesso por esta BR passando a ponte do Rio Camaquã em direção ao sul do nosso estado. São aproximadamente 295 km de Porto Alegre até a entrada da estrada vizinha, mais 14 km até a porteira que dá acesso ao Rincão dos Alves. Esta pequena região, além de fazer fronteira com as cidades citadas no parágrafo anterior, também faz fronteira com a cidade de Santana da Boa Vista.

A comunidade é constituída por 30 a 40 famílias. De forma politicamente organizada, os habitantes reivindicam o direito sobre as terras de acordo com o artigo 68 da Constituição Federal que regula: “Aos remanescentes das comunidades de Quilombos, que estejam ocupando as suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhe os títulos respectivos”. Estes segmentos se consolidam subjetivamente numa origem comum, reafirmada em uma identidade quilombola mantida e fincada socialmente por meio da resistência cultural e política.<sup>23</sup>

É necessário mencionar um importante documento do qual se originam as informações aqui apontadas: o Relatório Antropológico, Social e Histórico de Palmas. Foi publicado em 2007, em Porto Alegre, com apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo

---

<sup>23</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Laboratório de Observação Social. Decreto Nº 4.887 e IN/INCRA Nº 20/2005. **Relatório sócio, histórico e antropológico da Comunidade Quilombola de Palmas- Bagé/RS**, Porto Alegre, 2007.

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Laboratório de Observação Social. Contou com a cooperação de uma junta de pesquisadores de áreas que abrangem da Antropologia até as Ciências Políticas, que sentiu a necessidade de fundamentar teoricamente um estudo, baseado em levantamentos técnicos e indicações da própria comunidade com a finalidade de fazer uma caracterização socioeconômica e histórica desta comunidade, uma vez que os habitantes deste local precisam obter, de forma impressa, sua origem, para assegurar seus direitos à ocupação das terras. Os investigadores elencaram quesitos para a realização do estudo, tais como: identidade do grupo, o processo sócio-histórico de como estabeleceram suas fronteiras étnicas; o tempo de ocupação da região; como se deu a ocupação de suas terras e de como eles se caracterizavam como um território negro, que veio a se transfigurar em uma comunidade quilombola devido ao seu vínculo imemorial ao universo social escravocrata, etc.<sup>24</sup>

Estas regiões se caracterizavam por muitos séculos como uma ocupação territorial de sesmaria, com intensa atividade pecuária desde o período colonial escravocrata, que era de propriedade dos Simões Pires. Com o tempo as terras foram divididas, tornando-se propriedades como as dos Collares, dos Tavares, dos Dutra, dos Monteiro, etc.

Segundo Poutignat e Streiff- Fenart “o que diferencia, em última estância, a identidade étnica de outras formas de identidade coletiva é o fato de ela ser orientada para o passado”.<sup>25</sup> Os moradores desta região se reportam para o passado para determinar sua identidade e narram que o surgimento desta região, segundo depoimentos, teve início com a concessão de terras, por parte dos proprietários ou dos descendentes da Sesmaria dos Simões Pires para a ex-escrava Margarida Sabóia; outra versão seria que Margarida Sabóia teria vindo da Banda oriental após o término da Revolução Federalista (1893-1895) em busca de moradia e trabalho nas estâncias da região. Há outra história mais disseminada na comunidade: trata-se do rapto de Margarida Sabóia por Antonico Maria Alves, também ex-escravo, de uma senzala, os quais vieram se instalar no Rincão dos Alves, alicerçando a família dos Alves.<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Laboratório de Observação Social. Decreto Nº 4.887 e IN/INCRA Nº 20/2005. **Relatório sócio, histórico e antropológico da Comunidade Quilombola de Palmas- Bagé/RS**, Porto Alegre, 2007.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> Idem.

Por ser uma área fronteiriça, foi constantemente palco de grandes guerras, revoluções e guerrilhas. Esta região foi cenário para a Revolução Farroupilha (1835-1845); Guerra do Paraguai (1865-1870) e a Revolução Federalista (1893-1895). Os eventos bélicos desestabilizaram a região no ramo econômico, social e político. Com isso, os negros fugiam para a Região do Prata (Uruguai - mais conhecido como Banda Oriental) ou se escondiam nos matos com suas famílias pelo clima aterrorizante estabelecido na região, como também para fugir da participação direta na guerra, por parte de outros escravos.<sup>27</sup>

Segundo Freitas, o negro africano historicamente foi impelido a realizar deslocamentos forçados. Tais fatos estão relacionados aos inimigos internos pelos quais negros e negros foram reféns de fatores contingenciais. Trata-se dos escassos alimentos que levava-os ao nomadismo compelido, cujas gerações andarilhas buscavam savanas ou adentravam nas selvas, “desordenadas e divididas, enfraquecidas e mais famintas ainda, e assim, tomando rumos diferentes e buscando diferentes horizontes, [...] espalhavam-se pelo continente” africano. (FREITAS, 1988, p. 18)<sup>28</sup>

O nomadismo era uma prática habitual nos países africanos devido a fatores como falta de condições para a própria subsistência: alimentação, água, recursos naturais para o plantio. O mesmo se verificou em momentos posteriores, já no Brasil, quando as circunstâncias impeliram os habitantes das comunidades quilombolas a se deslocarem novamente.

---

<sup>27</sup> Antes da abolição, época em que as revoluções ocorreram e já soava ares de liberdade dos negros, os senhores de escravos que estavam participando da guerra recrutavam os escravos para as frentes de batalha e em troca os sobreviventes recebiam a carta de alforria. Ou seja, um ato suicida, pois não eram libertos de modo convencional e ainda a taxa de escravos sobreviventes seria bem maior.

<sup>28</sup> RODRIGUES, Alfredo; SANTOS, Maria. Diáspora quilombola em territórios rurais. In: XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – RECIFE, PE – 2 A 6 DE SETEMBRO DE 2011, 34, 2011, Recife. Resumo, Recife: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2011. p. 01-15. Disponível em <http://www.intercom.org.br/sis/2011/resumos/R6-1889-1.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2013.

### 2.3 Minhas Origens Familiares.

#### **Encontrei minhas origens**

*em velhos arquivos  
 livros  
 encontrei  
 em malditos objetos  
 troncos e grillhetas  
 encontrei minhas origens  
 no leste  
 no mar em imundos tumbeiros  
 encontrei  
 em doces palavras  
 cantos  
 em furiosos tambores  
 ritos  
 encontrei minhas origens  
 na cor de minha pele  
 nos lanhos de minha alma  
 em mim  
 em minha gente escura  
 em meus heróis altivos  
 encontrei  
 encontrei-as enfim  
 me encontrei.*

Oliveira Silveira<sup>29</sup>

No Brasil, dissemelhantemente aos primeiros agrupamentos dos antepassados, a vida das comunidades quilombolas a partir do século XX em diante não foi fácil. Na década de 1950, a miséria e o isolamento devido ao descaso das autoridades e aos problemas econômicos que se agravavam, uma vez que o sul da Campanha era uma região quase esquecida, muitos habitantes, inclusive a minha família, se deslocaram da Comunidade Quilombola de Palmas para a cidade de Bagé em busca de uma vida melhor. Meu pai veio para cá aos 12 anos e um dos principais motivos foi as dificuldades sofridas naquele local. Só para termos ideia, ele me contava que quando era pequeno, por volta dos sete anos, saía todos

---

<sup>29</sup> Conhecido como “O poeta da consciência negra”, Oliveira Ferreira Silveira nasceu em Touro Passo, em 1941. Recebeu tal título devido a grande contribuição, como militante, para o movimento negro gaúcho. Suas poesias reascenderam a imagem da negritude gaúcha e foram traduzidas para o inglês e o alemão. Foi ensaísta, poeta, músico e ativista do Movimento Negro. Faleceu em 2009.

os dias com o meu avô paterno para trabalhar e buscar comida para alimentar os irmãos que estavam em casa.

Frequentemente ele voltava com um saco de estopa tão cheio de legumes nas costas que, de tão pesada, feria-lhe o ombro. Às vezes tinha que retornar para casa sozinho, tarde da noite. E então, ele esperava que alguém passasse a cavalo para ir junto, pois era pequeno e tinha medo do escuro. Quando não tinha comida a minha avó, que teve 20 filhos, assumiu para mim que já roubou, para alimentar a prole, da casa dos patrões onde trabalhava como se fosse escrava. Ela me disse que levava na cintura carnes, etc. Em relação às suas origens, ela me disse que meu trisavô era “abissínio da cara cortada”<sup>30</sup>.

Naquela época, o frio era pior do que nós enfrentamos hoje e a dificuldade financeira da minha família era grande. Meu pai me disse que no inverno ele colocava um chinelo arrumado com arame porque não tinha sapato para colocar e ia trabalhar nos campos frios de manhã. Ele me criou com o ofício de pedreiro, em que trabalha até hoje, há 40 anos.

Proporcionou-me tudo que não pode ter: estudo. Por não ter condições de estudar, não teve escolha a não ser trabalhar como pedreiro, mesmo contra vontade. Por isso, ele quer que eu estude para que tenha opções para escolher um futuro melhor que o dele.

Minha avó materna é de Lavras do Sul, sua mãe era baiana e trabalhava nas fazendas. Minha bisavó teve seis filhos: um deles teve morte prematura. Devido à fome, moradia precária e a falta de dinheiro, todas elas foram dadas para as famílias bajeenses. E minha avó por ser analfabeta, pois trabalhava como se ainda fosse escrava na década de 1940 sofreu duros golpes na vida. Meu avô era analfabeto tanto quanto ela e ambos fizeram pela minha mãe o que meu pai fez por mim: deram estudo e queriam que ela fosse melhor que eles.

A genealogia da minha família é constituída por escravos etíopes, índios e brancos. E foi neste contexto que eu nasci.

Meu pai quando veio para Bagé na década de 1970, tinha somente uma peça de roupa, justamente à que ele estava vestindo. Começou trabalhando no hospital Santa Casa de Caridade de Bagé como pedreiro e depois em outras obras. Aos dezoito anos, quando já cumpria serviço militar, conheceu minha mãe, Francisca Helena, que tinha quinze. Casaram-

---

<sup>30</sup> Abissínio era o habitante nativo da Abissínia, atualmente República Democrática Federal da Etiópia.

se após nove anos de relacionamento, porém o tempo de convivência não foi principal motivo do matrimônio.

Segundo minha mãe, naquela época o meu avô, que era analfabeto, assinou, a pedido de seu patrão, um documento, no qual presumimos que ele tenha abdicado o direito de proprietário de sua casa e da maioria dos direitos trabalhistas, mas como não sabia ler, rubricou-o colocando a marca do dedo no documento, sem imaginar do que se tratava. Quando descobriu que foi golpeado pelo patrão, que conheceu desde pequeno, entristeceu a tal ponto de sofrer um ataque cardíaco. No leito de morte pediu para o meu pai, já noivo de minha mãe, que cuidasse dela e de minha avó, pois elas não teriam para onde ir após sua morte. Em 1985 meu pai cumpriu a promessa, se casando com minha mãe. Dois anos depois, no dia 11 de outubro, nasci. Vim ao mundo num momento difícil, pois meu pai estava desempregado e minha mãe tinha enlouquecido devido a uma depressão profunda. Cresci numa família em que as festas eram regadas de muita música gaúcha, pois meu avô paterno adorava músicas deste tipo, bem como todos da família de meu pai. Em relação à minha infância, lembro-me que frequentemente eu ia para outras cidades junto com meus primos e tios quando havia jogos de futebol. Também recorro das inúmeras festas da casa da Vó Loiva, que também é minha madrinha, nas quais havia bastante música, churrasco, bebidas; das inúmeras bebedeiras dos meus tios e de meu pai, que nunca mais bebeu após ter ficado muito mal durante uma destas. Tenho boas lembranças de meu avô paterno e meu padrinho, Seu Valdomiro, que sempre me trazia doces, moedas e tudo que precisava. Lembro-me que toda vez que ele vinha para a casa da Vó Loiva, eu ia correndo para os braços dele e ele me dava um abraço caloroso e depois ficava mexendo no seu casaco cuja espessura do tecido ficou marcado na minha memória. Segundo meu pai, quando já estava muito debilitado por causa do diabetes, ele chamou todos seus filhos e, quando chegou à vez dele, ele pediu para que trabalhasse para que eu tivesse condições de concluir meus estudos. Em seguida meu avô faleceu, eu estava com nove anos. Em novembro, fomos para a Comunidade de Palmas, onde houve a missa do primeiro ano de seu falecimento, rememoro que passei todo o dia neste lugar e, no almoço, comemos galinha com farofa e refrigerante. Quando fomos para o local em que foi sepultado, houve um momento de saudade, no qual todos estavam emocionados. Permaneci viajando anualmente para lá até 2005, quando tinha dezessete anos de idade.

Destas viagens me lembro da bela paisagem que vi e de, após ter visto a linha do

horizonte, prometer que moraria lá quando me aposentar. Outro fato importante da minha infância foi o tempo de escola. Estudei no Colégio Fundação Bradesco onde adquiri várias amizades, que preservo atualmente, e vivi momentos felizes e difíceis, tais como perdas de parentes, a complicada transição da infância para adolescência, as brincadeiras com meus amigos, entre outros. A conclusão do Ensino Médio foi a primeira fase significativa da minha vida e a segunda o ingresso na Unipampa.

Até entrar na Universidade Federal do Pampa, em 2007, não tinha consciência de que éramos quilombolas e, no momento que soube, numa aula de Organização Escolar e Trabalho Docente pelo professor Alessandro Bica, comecei a constituir minha nova identidade: mulher negra, bageense, e descendente de quilombolas. Já tendo uma boa caminhada na UNIPAMPA e à véspera de elaborar o projeto para o Trabalho de Conclusão de Curso I, surgiu o livro de Valdomiro Martins, ficcionalizando a história dos negros que viviam na região de Palmas, especialmente no período que vai do século XIX ao início do XX. Recordei histórias ouvidas, narradas pelas minhas avós, pelo meu pai, pelos meus tios e daquelas relatadas pelos depoentes do Relatório de Palmas mencionados. Aproveitei as histórias contadas e recorri às memórias da minha infância e, ao mesmo tempo, fazendo um elo com a Comunidade de Palmas. Sou a primeira universitária da família e, a partir deste ingresso, e de saber que era um deles, comecei a ter um olhar mais crítico sobre minhas origens. Portanto, fazer uma monografia visando minha procedência e voltar para o passado para ratificar uma vivência que merece ser homenageada, se tornou gratificante.

Decidi por esta linha de trabalho para mostrar que a literatura regional também pode representar, com muita primazia, nossa vida e também nos levar à (re)construção de uma nova identidade através da literatura. Deste modo, farei agora uma análise dos contos selecionados, justamente por apresentarem vivências próximas e reconhecidas no ambiente familiar que conheci.

### 3. ANÁLISE DOS CONTOS: e algumas questões sobre identidade cultural.

Antes de começarmos a analisar os contos da obra de Valdomiro Martins, devemos falar sobre identidade cultural, uma vez que relacionaremos as narrativas de Martins com as histórias contadas pelos meus familiares que ajudaram na concepção de sujeito que tenho hoje, este tema não poderia ficar oculto. Para a contextualização utilizei autores como Stuart Hall, Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira<sup>31</sup> e livros de Tomas Tadeu da Silva, para consulta.

Segundo o Dicionário dos Direitos Humanos<sup>32</sup>(OLIVEIRA, 2013), identidade cultural é definida como:

um sistema de representação das relações entre indivíduos e grupos, que envolve o compartilhamento de patrimônios comuns como a língua, a religião, as artes, o trabalho, os esportes, as festas, entre outros. É um processo dinâmico, de construção continuada, que se alimenta de várias fontes no tempo e no espaço.

A mesma autora salienta ainda que, devido a globalização, as identidades culturais não se apresentam como nítidas, mas inseridas “numa dinâmica cultural fluida e móvel”<sup>33</sup>. O surgimento da globalização trouxe mudanças radicais em todos os setores da vida moderna tanto nos aspectos econômicos quanto culturais. E a partir daí que começa a mudar os conceitos sobre identidade.

Com a instauração deste sistema global, os mapas culturais já não se assemelham com as fronteiras nacionais por causa da intensificação das redes de comunicação que, de uma forma ou de outra, atingem o sujeito. Segundo Teixeira Coelho, as identidades que eram achadas ou outorgadas passam a ser construídas. E acrescenta que “a diversidade cultural que o mundo apresenta hoje, as múltiplas e flutuantes identidades em processo contínuo de construção, a defesa do fragmentário, das parcialidades e das diferenças, trouxeram, como corolário, uma volatilidade das identidades que se inscrevem em uma outra lógica: da lógica da identidade para a lógica da identificação”. As concepções tidas sobre identidades como

---

<sup>31</sup> DE OLIVEIRA, Lúcia. Identidade cultural. *Dicionário de direitos humanos*. Disponível em <http://www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-index.php?page=Identidade%20cultural> acesso dia 14 mar. 13.

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> Idem.

definitivas passam a ser temporárias. As identidades sob hastes conceituais rígidos se tornam vulneráveis a mudanças.<sup>34</sup>

O texto de Stuart Hall *A identidade cultural na pós-modernidade*, complementa o que dito anteriormente. O autor argumenta que as antigas identidades, que se mantiveram estáveis durante muito tempo, começam a entrar em declínio, fazendo surgir novas identidades e assim fragmentando o sujeito moderno. Hall chama isso de **crise de identidade** e diz que esta crise é vista numa visão mais ampla de mudança se deslocando e desestruturando as direções que norteavam a vida social de cada sujeito. (HALL, 2007, p. 07)

Outro fator que favorece para o declínio da identidade é o deslocamento de indivíduos oriundos de sua cidade natal para um lugar desconhecido. As circunstâncias variam, mas dentre elas a fome, a miséria são os principais. Hall explica em seu livro *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, baseado no livro de Mary Chamberlain chamado *Narratives of Exile and Return* que relata histórias de migrantes barbadianos para o reino unido. Estes, apesar de ter elos com a terra natal, ainda continuam nas pequenas comunidades. E ainda, os entrevistados que esta autora traz, relatam a dificuldade de se reestabelecer após o retorno para suas sociedades de origem, inclusive muitos nem reconhecem o local de onde saíram e sentem falta da vida urbana que tinham se aclimatado.

Trazendo para o nosso contexto, podemos deduzir que o mesmo acontece com muitos que se deslocam das comunidades quilombolas para a cidade, em busca por uma vida melhor e que, durante anos na urbanização, não conseguem ou nem querem voltar para o local oriundo. Citarei como exemplo disso o deslocamento de meu pai para a cidade grande. Aos treze anos, mais ou menos, ele saiu da Comunidade de Palmas devido aos desentendimentos com o pai dele, meu avô. Retornando para lá, após quase vinte anos, já nem sabia mais o caminho, conforme o que me relatou. A minha família é um típico exemplo de família oposta de algumas citadas pela autora nas entrevistas do livro que Hall menciona. Meus tios, minha avó e os irmãos dela não quiseram mais voltar para Palmas. A experiência com a miséria era tão forte que minha avó se desligou de alguns costumes do cotidiano da vila campeira, como cozinhar no fogão à lenha, por exemplo. Este desligamento do uso do fogão à lenha se deu devido ao sofrimento dela ao cozinhar frente ao fogão sem se recuperar direito de uma

---

<sup>34</sup> Idem.

cesárea, pois seu último filho nasceu em Bagé (vale ressaltar que esse procedimento cirúrgico era bem diferente, pois a abertura era maior e no sentido vertical em direção ao umbigo).

Em seguida, das reflexões sobre relação diáspora *versus* identidade no Caribe, Hall introduz a seguinte questão: “Que luz, então, a experiência da diáspora lança sobre as questões da identidade cultural no Caribe?” (HALL, 2003, p.28). Após, ele coloca o que complementa o que foi dito anteriormente:

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural, seja, fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. E impermeável a algo tão "mundano", secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades — os legados do Império em toda parte — podem forjar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento — a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor. (HALL, 2003, p.28)

No texto, o pesquisador insere uma citação, mencionada por Lain Chambers, que faz um elo direto com a importância da obra de Valdomiro Martins:

Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é, quando este é trazido para dentro da linguagem e dela embarcamos numa (interminável) viagem. Diante da "floresta de signos" (Baudelaire), nos encontramos sempre na encruzilhada, com nossas histórias e memórias ("reliquias secularizadas", como Benjamin, o colecionador, as descreve) ao mesmo tempo em que esquadrihamos a constelação cheia de tensão que se estende diante de nós, buscando a linguagem, o estilo, que vai dominar o movimento e dar-lhe forma. Talvez seja mais uma questão de buscar estar em casa aqui, no único momento e contexto que temos. (HALL, 2003, p.27)

O único viés pelo qual muitos descendentes de quilombolas têm para entrar em contato com as suas origens são os textos literários e as histórias contadas oralmente, mais especificamente, as histórias dos parentes que viveram nestes locais. A narrativa de Martins é um exemplo. Trazendo as convivências dos negros entre o final do século XVIII até o início do XX, embarcamos numa viagem no tempo dos nossos antepassados que sobreviveram ao mais cruel dos sistemas: a escravidão. Outro exemplo é o livro *Contos sem fadas: retalhos de memória* (2006), de Rosina Duarte, que traz narrativas de pessoas, descendentes de escravos, que relataram histórias contadas pelos seus entes queridos que sobreviveram a escravidão.

Estas propostas têm a ver com a citação acima de Hall. Valdomiro Martins, pela sua obra, consegue fazer com que viajemos nesta linguagem pela nossa história, ampliando nossa

concepção de identidade e fazendo com que leitores estabeleçam relações com as vivências relatadas por gerações. E isso será feito a seguir.

Analisaremos três contos, tendo como foco a representação do negro na literatura sulina, suas vivências e participação na história do Rio Grande do Sul, aproximando-as da minha experiência como ouvinte dos relatos de meus familiares e que viveram nesta região e dos que vivem atualmente.

#### **4.1 “Guerrilha e Solidão” (p.11- p. 14)**

A narrativa que abre o livro conta a difícil vida de Antonio e sua família. A história começa com o impacto que a Revolução Federalista (1893-1895) deixou na Região da Campanha em que “as grandes coxilhas verdes, os capões do mato, as ruínas das charqueadas e as curvas dos rios calaram-se aos olhos dos homens” (MARTINS, 2008, p. 11). E é nesse contexto que Antonio, um homem negro que, durante 12 anos, trabalhou como escravo, peão e soldado, vive com sua esposa, Arlinda, e seu filho, Francisco, num rancho mal-acabado de madeira e barro e o telhado feito com palha-de-santa-fé.

O principal meio de sobrevivência desta família é o plantio de legumes como milho e batata. No entanto, a fome era predominante e brutal devido à precariedade econômica, exemplificado na forma como são caracterizados os integrantes da família:

“[...] Agora era escravo da terra e o sol não lhe dava guarida. Sentou-se num toco de árvore e olhou para o horizonte. Seus olhos identificaram a visão magra e distorcida de sua mulher, que trazia o pequeno filho pela mão. O menino chamava-se Francisco, vestia apenas uma camisa cinza, que lhe cobria o corpo todo, carregava uma velha pá. A mulher, de nome Arlinda, usava um vestido de algodão aos farrapos e os seus cabelos enredavam-se num emaranhado de fios negros e duros. [...]” (MARTINS, 2008, p. 12).

A fome pode ser observada no seguinte trecho, ilustrando, nos diálogos de Antônio com a esposa e, no final da história, de Arlinda com o filho, a necessidade da mãe de tentar superar a situação, uma vez que Francisco já tinha, horas antes, acabado de enterrar o seu irmão pelo mesmo problema. A mãe queria que o filho que sobrara não seguisse o mesmo caminho deles:

“[...] Antonio tornou a piscar os olhos quando seus dedos sentiram o calor do prato de alumínio que a mulher lhe ofertava. Orientando-se, Antonio olhou à volta como se procurasse algo há tempos esquecido. Levantou-se. Voltou-se para o menino que ainda dormia, depois viu a mulher que o encarava. Os olhos dela faziam perguntas que jamais responderia. Antonio deslocou-se e soltou o prato ao lado do filho.

-Deixe pra ele – disse Antonio. – Precisa se manter vivo, ficar forte para ajudar o pai na plantação – e sentou agarrado à cuia, ao lado da pequena e velha chaleira.

A mulher foi até o menino e o acordou. Levava lentas colheradas aos lábios do filho que mal se mexiam. Incentivado, Francisco esforçava-se para jantar.

- Come filho – disse Arlinda. – Precisa se manter vivo, ficar forte e, depois, irá para bem longe daqui. “(MARTINS, 2008, p.13)

Após esta cena o conto desfecha, mostrando ao leitor que a solidão era a única coisa que restava “além do vento que remexia a poeira e balançava apenas minúsculas ervas”. (MARTINS, 2008, pg. 14)

As representações contidas neste conto nos fazem refletir que, apesar de serem personagens ficcionais que vivem situações imaginadas, é impossível não aproximá-los de nossas vivências, pois a literatura exerce um papel social de trazer ao leitor, através de representações, um novo mundo, e refletir sobre tal experiência e ainda trazê-la para o nosso, mudando o modo de ver a vida. Redirecionando para a negritude, esta experiência exerce uma influência sobre nossas existências tanto na posição de quilombolas, quanto no papel de descendentes desta classe. Como descendente de quilombolas, ouvi vários relatos de meus familiares e pessoas amigas que viveram em comunidade quilombola por muito tempo. A ficção mostra os hábitos de muitos moradores antigos de Palmas, tais como, o trabalhador escravo que ganha o posto de capataz, o uso do fogão artesanal para cozinhar, o mate, o plantio de legumes para subsistência, os enterros clandestinos, pois muitas famílias não tinham condições de fazer um enterro descente, enfim, a dificuldade de viver nestas condições. A realidade não foge do que está contado ali, tanto que muitas vezes o modo de cozinhar num fogão de pedra era feito daquela forma. Quando tinha nove anos fui para Palmas para missa de falecimento de meu avô e, passeando com minha avó, meu pai e meus tios, cheguei a uma casa de pedra, onde meu avô morava, e vi um fogão de pedra, ilustrado pelo autor. Cabe destacar que a causa das dificuldades vividas pelos quilombolas estão relacionadas ao isolamento, pois habitam na zona rural. No século passado era quase impossível o acesso do governo bajeense, uma vez que esta área era de difícil entrada. Hoje, graças às ações dos governos federal, estadual e municipal, os habitantes gozam de uma vida decente, com acesso à internet e aos projetos sociais do Governo Federal.

#### 4.2 “A Hora da Mãe” (p. 21- 25)

Esta narrativa conta sobre a vida de Benedita, uma escrava que foi comprada pelo coronel João Francisco de Lemes Almeida, que ganhara como indenização uma grande quantia em dinheiro que aproveitou comprando mais escravos. Era uma bela escrava, de vinte poucos anos, que pagou caro pela sua sensualidade.

Benedita trabalhava na beira do riacho juntamente com outras escravas e estava sob a mira do filho do coronel chamado Marcondes. Ao perceber, Benedita não teve nenhuma reação, pois já sabia de seu destino. Certo dia, as mulheres estavam se banhando na beira do riacho quando Marcondes pediu para que seus capatazes retirassem todas as escravas, exceto Benedita, e as levassem para estância. Quando saíram, o filho do coronel abusou sexualmente de Benedita, que sofreu calada. Meses depois, numa noite de inverno rigoroso, a escrava deu luz a um menino. Porém a alegria durara pouco. Após anos de convivência o filho na estância, Benedita descobre que seu filho iria ser vendido e entra em desespero, pois sabia que o menino, já com sete anos, não sobreviveria até os dez. Certa noite, Benedita aproveita o descuido do capataz e invade a casa grande onde comete um ato insano: mata o próprio filho e suicida-se, aterrorizando os moradores da casa.

Naquela época era comum os filhos dos estancieiros e os próprios abusarem covardemente das escravas mais novas e bonitas que eram traficadas para as estâncias. Outro tema observável que o narrador expõe é a situação dos negros pós-guerras: se não morressem, viveriam como anteriormente ou fugiriam para outros lugares e começariam uma vida independente como é o caso do patriarca da Família Alves, Antonico Maria Alves, família próxima aos meus avós, que após a Guerra do Paraguai (1865-1870), adquiriu uma extensa área, em 1898, na região denominada Rincão dos Alves.

Há outro dado conhecido que o autor também retrata no conto: os partos caseiros. Nesta época os partos eram frequentes, pois devido ao isolamento das comunidades não era possível o deslocamento para hospitais próximos, uma vez que estes se localizavam na zona urbana e isso também complicava o acesso das gestantes ao acompanhamento médico e muitas, por causa disso, morriam no parto. Minha bisavó paterna perdeu a vida quando deu a luz a última filha, Tereza, conhecida como “Toca”. Outro dado destacado é a retirada dos filhos das mães forçosamente. Minha avó paterna foi mãe muito jovem. Quando tinha 15 anos deu a luz a sua primeira filha que se chamava Maria de Jesus e, nesse momento, começou o

seu sofrimento. O pai dela pegou a minha tia, recém-nascida, e deu para outra família que a criou até a fase adulta. Meu pai chegou a conhecê-la, sem saber que era a sua irmã, informação que foi confirmada tempos depois. Após 30 anos, mãe e filha se reencontram numa situação difícil: Maria de Jesus estava sendo consumida pelo câncer de colo de útero, falecendo um ano depois. Porém, não foi somente esta filha que minha avó teve que dar. Após ter dado à luz a Maria de Jesus, ela se casou novamente e, desta união, nasceram dois filhos, a tia Marli e outro menino. Devido às constantes agressões físicas, minha avó se separou, mas teve que dar o menino para ex-marido que o levou para outra cidade. Ela ficou sabendo mais tarde que ele tinha sido assassinado. Outro fato que deve ser destacado é a relação dolorosa frio/escravo na vida os cativos. Durante invernos rigorosos muitos escravos enfrentavam a estação com poucas roupas e em péssimo estado de conservação. Esta relação se estendeu até o século passado entre os remanescentes da Comunidade de Palmas.

Quando eu não dava valor às coisas que tinha, meu pai me contava como sobrevivia durante do inverno. Segundo ele, quando veio para Bagé não tinha condições de comprar um sapato para se proteger desta estação, então ele usava um chinelo de dedo, amarrado com arame, para ir trabalhar, enfrentando a forte geada.

Já os motivos de minha bisavó materna ter dado seus filhos foi outro. Sem condições financeiras para sustentar seis filhos, ela deu os cinco de seus seis filhos: Maria Luísa (minha avó), Zilá, Carmen, Helena e o Mário, para as famílias brancas e ricas de Bagé. Com minha bisavó somente ficou o filho que sofria de paralisia cerebral, que morreu anos depois. Dentre estes, minha avó foi a quem mais sofreu, pois ela trabalhava como se fosse escrava, inclusive, pegando os cavalos no campo e trazendo-os cedo da manhã para o seu padrinho. O engraçado, segundo minha avó paterna, foi o argumento do seu padrinho para explicar a cor dela aos amigos, dizendo que “ela nasceu de noite”.

### 4.3 Uma Garrafa de Aguardente. (p. 35-36)

Este terceiro conto narra a história da amizade de dois amigos, Jonas e Nicanor, que tinham algo em comum além de trabalharem em estâncias da cidade de Bagé: o gosto pelo álcool. Certo dia, Jonas viu Nicanor esconder uma garrafa de aguardente no mato e, assim que o amigo se aproxima, Jonas pergunta o que estava fazendo e Nicanor responde que estava defecando. Devido ao cheiro de aguardente exalado no ar, Jonas acreditou que ele tinha bebido cachaça e que mentiu.

Até então os amigos eram cúmplices, tanto no trabalho quanto na vida cativa, mas a partir do momento que surgiu o vício pelo álcool, a amizade entre eles começa a declinar, pois Jonas já não queria vê-lo novamente.

No dia de São Sebastião, feriado em Bagé, Jonas foi liberado pelo seu patrão, pois este era religioso e queria participar das cerimônias. Jonas aproveitou a folga para deslocar-se para o mato para procurar e roubar a aguardente que Nicanor escondeu. Em seguida, enxergou, através do brilho do sol, que se fez reluzir, duas garrafas de aguardente e as pegou para si. De repente, ouviu a voz de Nicanor, observando-o a poucos metros, perguntando o que estava fazendo. Jonas, com as duas garrafas na mão, ficou emudecido. Furioso, Nicanor partiu em sua direção com uma faca retirada da cintura. Os dois lutaram e Nicanor acabou morto por Jonas, que mais tarde foi encontrado bêbado com a faca escondida debaixo da calça e dormindo, encolhido e abraçado às duas garrafas.

O tempo em que esta história passa é nas vésperas da abolição da escravatura, pois se falava de negros cativos e forros. O autor começa o texto retratando as consequências que o alcoolismo causou na vida dos negros e o que o mesmo representava:

O alcoolismo entre negros cativos e forros foi tão devastador quanto à própria vida servil. Homens e mulheres subjugaram-se àquela que foi amante perversa de irresistível sedução em ilusórios momentos de prazer. (MARTINS, 2008, p.35).

Entre os negros que viveram naquela época, sejam eles alforriados ou não, o uso de bebidas alcoólicas era comum. Na minha família materna muitos eram alcoólatras, inclusive houve casos, contados pela minha mãe, de entes queridos que morreram consumidos pela aguardente. Meu avô materno teve problemas coronários que culminaram numa parada cardiorrespiratória, seguida de um acidente vascular cerebral (AVC). Meu avô bebeu desde pequeno, perpetuando este hábito até o fim de sua vida. Só para termos uma idéia, quando estava sob tratamento de medicamentos para a pressão alta, ele continuava bebendo escondido e comendo carne suína. O vício era tão grande que perdia o controle a tal ponto de brigar com

minha avó e expulsá-la de casa quando chegava do bar embriagado. Os que ainda estão vivos continuam bebendo freneticamente.

Minha família paterna também houve casos de alcoolismo, mas não na mesma intensidade da materna. Tanto que os que bebiam muito tiveram problemas graves como diabetes e pressão alta e pararam com o vício.

Como salientei no início deste trabalho, a escolha destes contos era para uma análise meramente subjetiva, pois queria aproximá-los da melhor forma possível das vivências contadas pelos meus parentes que viveram na Comunidade Quilombola de Palmas e, por este motivo que, dentre os dezoito contos lidos, escolhi apenas três e, através destes, fiz o que propus. Encerramos esta análise, partindo para as considerações finais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho abordamos a representação do negro na literatura sul-riograndense e sua contribuição, que deveria ser reconhecida, para a formação desta sociedade. Através da seleção dos contos da obra *Guerrilha e Solidão* (2008), de autoria de Valdomiro Martins, fizemos a relação destas representações com as vivências contadas pelos meus parentes mais próximos.

Porém era necessário fazer um breve panorama sobre o contexto cultural e expressivo literário em que a obra está inserida. No primeiro capítulo expomos nossa proposta para em seguida contextualizarmos a obra, trazendo para o trabalho a possibilidade de discussão sobre a representação do negro na literatura brasileira antes da Abolição do Tráfico negreiro, numa época em que era visto como um objeto, até a contemporaneidade, quando o negro passou à condição de sujeito, considerada como um integrante da sociedade. Citamos alguns autores que inseriram o negro em suas narrativas sob diversos ângulos. Autores como Maria Firmina dos Reis que, ao escrever *Úrsula* (1859), coloca o negro como referência moral e pelo fato da escritora assumir sua negritude, soaram como exemplos da resistência ao paradigma sociocultural dominante. Neste estudo mais amplo não deixamos de citar Machado de Assis e as críticas em relação à postura aparentemente omissa aos fatos relacionados à escravidão.

Embora saibamos que sua finalidade ao escrever era reproduzir as mazelas mais profundas do ser humano, independentemente da situação que se encontre, no momento em que surgiram diversos artigos de cunho abolicionista e narrativas que abordavam a temática negra, começa-se a ver em Machado de Assis um escritor muito bem informado e contra a ideologia escravagista.

Também fizemos um pequeno levantamento sobre Simões Lopes Netto que foi referência na literatura gaúcha quanto à inserção da figura do negro campeiro.

No primeiro subtítulo, tratamos sobre a expressão “literatura afro-brasileira” e seus diversos entendimentos. Enquanto de um lado, há estudiosos como Zilá Bernd, que crê no uso da expressão afro-brasileira, pois “essa literatura apresenta um sujeito de enunciação que se afirma e se quer negro” (DUARTE, 2008, p.12), outros como o ensaísta Edimilson de Almeida Pereira defendem a adoção de um “critério pluralista”, a partir de uma “orientação dialética”, que “possa demonstrar a literatura afro-brasileira como uma das faces da Literatura Brasileira – esta mesma sendo percebida como uma unidade constituída de diversidades”. (DUARTE, 2008, p.12-13). Aproveitamos e ressaltamos também a importância da Imprensa

negra brasileira. Uma vez rechaçados pela sociedade racista na época, a única alternativa de expor suas ideias e suas angústias em relação à forma como eram tratados e de fazer com que os negros se reconhecessem como cidadãos foi a criação de periódicos específicos pelos poucos intelectuais negros que tiveram a oportunidade de ter acesso a uma educação de qualidade. Muitos autores negros hoje conhecidos, como Machado de Assis, José do Patrocínio, Luis da Gama, começaram sua carreira literária publicando narrativas, poesias, poemas, nestes jornais, inclusive muitos destes autores juntavam estas publicações e as transformavam em livros. A imprensa negra no Rio Grande do Sul exerceu um papel importante ao retratar a vida social dos negros gaúchos como também ao lançar autores como José Bernadino dos Santos e Luis da Motta; vale ressaltar que o último citado era o único escritor negro integrante do grupo Parthenon Literário<sup>35</sup>.

No final destacamos a relevância da revista *Quilomboje*, pois é através dela que o movimento social em prol de uma literatura voltada para os negros teve sucesso. Fundada em 1980 a revista tinha como pressuposto levar as letras “para onde o negro está”, vendendo livros em eventos culturais. Hoje o processo continua, direcionado para o uso de ferramentas de mídia e do lançamento dos Cadernos Negros.

Damos destaque para o Rio Grande do Sul com a edição da revista *Tiçãõ I*, que a partir da década de 1970 coloca em pauta a discriminação racial no Brasil. Hoje com a evolução tecnológica, mantém atualmente o *website* Nação Z.

No segundo subtítulo citamos o autor Simões Lopes Netto como também analisamos o modo como abordou a negritude no cenário sulino onde a paisagem campeira era o seu pano de fundo. Usamos para esta análise dois contos que compõem o livro *Contos Gauchescos e Lendas do Sul (1984)*: O “Negro Bonifácio” e a Lenda do “Negrinho do Pastoreio”. No primeiro os sentimentos predominantes são a honestidade, por parte de Bonifácio, e o ódio e a repulsa pelos homens brancos que não aceitavam a presença de negros em certos lugares. A segunda narrativa trata da crueldade com que os negros eram tratados; no entanto o poder da fé foi predominante para a salvação dos personagens, tanto o negrinho quanto seu patrão. Salientamos que se trata de uma lenda, mas provavelmente muitos meninos como o Negrinho do Pastoreio sofreram atos brutais. No final, deduzimos que há uma relação intrínseca entre os

---

<sup>35</sup> Fundado em 18 de junho de 1868 o Parthenon literário foi um movimento que começou a partir do interesse de alguns intelectuais porto-alegrenses em discutir assuntos sobre abolição, poesia, educação, república, teatro, entre outros. Terminou em 1899.

autores Simões Lopes Netto e Valdomiro Martins, pois ambos narram histórias de uma mesma época, colocando-os como sujeitos.

No segundo capítulo cujo título **COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO BRASIL** começamos falando sobre as comunidades quilombolas, conceituando o significado, retirado do Portal Infoescola, e em seguida situamos o surgimento dos quilombos desde o início da escravidão e o término, com a abolição da escravatura. O fim da escravidão proporcionou a perpetuação dos quilombos sob outra organização: as comunidades quilombolas.

Há mais de 24 comunidades quilombolas no Brasil e o modo de subsistência é o uso de recursos naturais variados. Destacamos, dentre outras, como principais as comunidades próximas da cidade de União dos Palmares, localizada no estado de Alagoas, onde está a mais famosa: o Quilombo dos Palmares. Evidenciamos a finalidade desta comunidade no processo de resistência contra a escravidão, no momento em que o Brasil passava por um momento de escassez financeira, pois a situação econômica do Quilombo dos Palmares era bem distinta, vivendo em plena fartura.

Abordamos, então, o processo quilombola na Região Sul. A presença dos quilombos foi mais assídua no litoral pelo grande número de escravos que se instalaram pelas costas litorâneas do nosso estado. Com as Charqueadas, a contingência de mão de obra escrava se concentrou na cidade de Pelotas e região.

No subcapítulo 2.1 comentamos sobre as Comunidades Quilombolas no Rio Grande do Sul, onde, segundo a Federação Gaúcha, estima-se que existam estas organizações na zona urbana e na rural. Citamos algumas comunidades existentes e fizemos um estudo mais detido sobre os moradores da Comunidade Quilombolas de Palmas que, como tantas outras, lutaram pelo direito de permanecerem nas terras herdadas pelos antecessores.

Sobre a Comunidade Quilombola de Palmas, citada anteriormente, a destacamos no subcapítulo 2.2, determinando sua localização na região e os segmentos populacionais que a integram, o número de famílias que a constituem e o processo de ocupação. Em 2007 foi publicado o Relatório Antropológico, Social e Histórico de Palmas, com o apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Laboratório de Observação Social. Este relatório foi feito com base nas observações e registros dos depoimentos feitos pelos antigos moradores daquela região ao grupo de estudo, pelos quais se comprova a hereditariedade das terras perante o governo federal que dá aos moradores desta região a condição de verdadeiros donos. O principal motivo para a

composição deste relatório foi a acirrada relação entre quilombolas e proprietários de terras que mostra a necessidade de atentarmos para o processo de reforma agrária no país, em que predomina a lei dos que tem maior poder aquisitivo, sem considerar os direitos de outros cidadãos que também lutam por um pedaço de chão para sobreviver. A disputa pela posse de terras é tão grande que muitos moradores se obrigam a se deslocar para a zona urbana ou para fora de suas localidades.

Em 2.3 me expus, contando sobre a vida da minha família. Relatei o suficiente sobre a história de meu pai, de meus tios, da matriarca da família Colares Pinto, Dona Loiva, da minha avó materna, Dona Maria. Narrei sobre a dificuldade de subsistência que meus parentes passaram, nas décadas de 50 e 60, num local onde a fome predominava, e de outras motivações que levaram toda a minha família, materna e paterna, a vir morar em Bagé.

Quanto à minha condição em relação às origens, como já disse, soube na Universidade Federal do Pampa na disciplina Organização Escolar e Trabalho Docente (OTDE), cujo responsável na época, o professor Alessandro Bica, destacou que Palmas é uma comunidade quilombola bajeense.

No último capítulo, com a análise dos contos, que encerra meu trabalho, fiz uma relação entre tudo que ouvi durante toda a minha vida com as histórias narradas por Valdomiro Martins. Porém, antes, abri uma lacuna para discutirmos sobre a questão da identidade, pois é do reconhecimento de uma identidade, através da obra literária, que estamos falando. Utilizamos livros e artigo de Stuart Hall e o Dicionário dos Direitos Humanos onde há uma definição sobre identidade cultural. Da leitura do livro **Da diáspora: identidade e mediações culturais** selecionamos o subtítulo *Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior*, que traz para o leitor a dificuldade da (re)construção da identidade dos que saem de sua terra natal para viverem em outro local. O artigo A identidade em questão, que compõe o livro *A identidade cultural da pós-modernidade*, de Stuart Hall parte do propósito de que haja uma “crise de identidade”. O autor supõe que as identidades estão sendo descentralizadas, ou seja, deslocadas ou fragmentadas.

Para a análise, selecionei apenas três contos: **Guerrilha e Solidão**; **Uma Garrafa de Aguardente** e **A Hora da Mãe**. No entanto, os outros que li, sem dúvida, eram relevantes, mas não diretamente, uma vez que as representações nos três contos me fez lembrar as longas conversas que tenho com minha avó paterna, principalmente quando relata sua vida. O vício do álcool é predominante e, como já disse, presenciei parentes meus serem consumidos pelo

alcoolismo e ouvi o relato da minha mãe sobre o álcool na vida do pai dela. Com o primeiro conto analisado, *Guerrilha e Solidão*, recordei do que meu pai falava sobre a vida que viveu no Quilombo das Palmas, das vezes que não tinha o que vestir; da forma como cozinham e da fome que passavam.

Portanto, o trabalho apresentado reuniu aspectos teóricos, analíticos e informativos, mas partiu de uma visão subjetiva em que minhas vivências estão retratadas aqui. Nunca tinha pensado em fazer meu Trabalho de Conclusão de Curso voltado para a literatura, ainda mais para a afro-brasileira, tendo como objeto de análise um livro escrito por um autor bajeense.

Porém, um semestre antes de começar o Trabalho de Conclusão de Curso II, estava conversando com um amigo chamado João Francisco sobre minha opção de fazer um trabalho focado na linguística, mas ele me convenceu a mudar de ideia, argumentando que eu tinha “A faca e o queijo na mão”, ou seja, a minha condição de quilombola recém-descoberta poderia ser estudada juntamente com a obra escrita, fazendo um elo entre as representações ali narradas em companhia com a minha identidade a partir das histórias contadas pelos meus entes queridos pertencentes àquele lugar. E foi assim que surgiu o título da minha monografia.

Quando eu li *Guerrilha e Solidão (2008)*, de Valdomiro Martins, estava matriculada na disciplina de Literaturas Lusófonas II, ministrada pela professora Miriam Kelm, componente curricular do Curso de Letras. Fiquei impressionada com a forma pela qual o autor expõe o negro como um ser dotado dos mais sórdidos pensamentos e atitudes, desconstruindo a imagem de vítima que carregávamos por mais de dois séculos. Porém a personalidade dos negros não se delimita somente aos defeitos. Estes também são dotados das virtudes mais nobres, tais como fidelidade, a capacidade de amar e de lutar pela liberdade.

Anteriormente, como se sabe, o negro era visto como objeto, representado através de estereótipos negativos. A partir da década de 70 com os movimentos sociais voltados para a valorização da negritude, como o Quilomboje, a imagem do negro começa a ser melhor trabalhada. Autores como Solano Trindade e Cuti deram autonomia ao negro, através das letras, que se estende até autores contemporâneos como Valdomiro Martins. O ápice da literatura afro-brasileira, segundo Manoela Matos, foi em 1978 com a publicação do livro *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*, de Abadias do Nascimento, porque esta obra traz discussões em relação às relações sociais entre negros e

brancos no Brasil, todas as formas de discriminação, bem como reconhecer a identidade dos sujeitos afro-brasileiros e seus direitos como cidadãos brasileiros (MATOS, 2012, p. 03).

A obra que Valdomiro Martins traz é inovadora, pois, segundo Luiz Antônio de Assis Brasil, “ele é único por evidenciar uma realidade raramente vista na literatura do Rio Grande do Sul: a participação da etnia africana na formação cultural e no próprio *éthos* gaúcho.” (MARTINS, 2008, p.06). O autor do prefácio ainda destaca que a realidade da escravatura, vista como “branda” no estado do Rio Grande do Sul, foi tão cruel e perversa como em todo o restante do Brasil. Muitos escravos participaram das revoluções que ocorreram no nosso estado e foram os que mais sofreram e, em sua maioria, lutaram por ideias pelas quais não concordavam.

Sua obra é composta por dezoito contos. Valdomiro Martins os constrói dentro de um círculo fechado com poucos personagens, mas fortes. O texto narrativo se divide entre os barbarismos e a linguagem lírica que é mostrada na descrição das paisagens da Região da Campanha, valorizando-a. Nas descrições tudo é considerado pelo autor, desde a vegetação “As grandes coxilhas verdes, os capões do mato, as ruínas das charqueadas e as curvas dos rios calaram-se aos olhos dos homens.” (MARTINS, 2008, p.11), até o minuano “que soprava fantasmas nos ouvidos das crianças.” (MARTINS, 2008, p.11) E é por isso que, como esclarece o próprio Valdomiro Martins, “num clima de suspense, tensão, esperança e honra os contos levam o leitor a uma viagem pelos lugares mais longínquos da razão.” (MARTINS, 2008, p.) e temos também que concordar quando o autor diz que “**Guerrilha e Solidão** é o primeiro livro de contos, gênero ficção, da literatura gaúcha que trata a respeito do tema proposto.” (MARTINS, 2008, p.09).

O primeiro contato com Valdomiro Martins aconteceu em 2009, no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, na cidade de Bagé, em que o mesmo foi convidado para uma entrevista para a disciplina de Lusófonas I, ministrada pela professora Miriam Kelm. Os alunos conversaram com Valdomiro Martins que relatou sobre sua vida como estudante e escritor. No decorrer da mesma, mediante perguntas sobre sua inspiração ao escrever o livro, Valdomiro Martins respondeu que as histórias que ele ouviu de seus parentes mais antigos foram suas inspirações para escrever a maioria de seus contos.

Diante desta declaração, juntamente com as opiniões de meu amigo João Francisco, senti a necessidade de fazer este trabalho como uma homenagem para a minha família e para que nossa história nunca seja esquecida.

Por fim, gostaria de expor a dificuldade de encontrar materiais como livros, para a realização de meu trabalho de conclusão. Minhas fontes de pesquisa mesclam-se entre livros impressos emprestados pelos professores que acompanharam minha empreitada com vários artigos encontrados em revistas digitais como a revista virtual Literafro, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E com a ajuda da professora Cláudia Corral<sup>36</sup>, consegui o Relatório Antropológico, Social e Histórico de Palmas, que me ajudou muito no processo de reconstrução da minha identidade.

Perante isso, gostaria de reforçar que este tema abre perspectivas para futuros estudos que podem transitar por várias áreas como História, Sociologia, Literatura, Educação, entre outras. Como também a importância de termos um acervo voltado para a pesquisa da cultura e da literatura afro-brasileira. No Rio Grande do Sul há vários grupos de pesquisas sobre a identidade afro-descendente como a Organização Não governamental Grupo de Ação Afirmativa Afrodescendente; o Grupo Afro-Sul de Música e Dança; o EGBE-Territórios Negros e Ações afirmativas, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul entre outros.

Enfatizo esta proposta porque a história de nossos antepassados deve ser lembrada sempre e para também proporcionar aos afrodescendentes a reconstrução de suas identidades, como fiz questão de fazer nesta presente monografia.

---

<sup>36</sup> Psicóloga e professora da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul- Campus Bagé. Responsável pelo projeto Núcleo de Direitos Humanos que se dedica aos moradores das Comunidades Quilombolas de Palmas, onde se dedicam a discutir assuntos dedicados ao futuro deste núcleo. Durante uma visita feita no dia 05/12/12 nesta comunidade tive a oportunidade de me apresentar como descendente desta comunidade aos moradores e conversar com eles sobre a atual realidade da relação entre eles e os proprietários rurais da região.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ANTUNES, D. **A poética do conto de Simões Lopes Netto**: o exemplo de “O negro Bonifácio”. Porto Alegre: EDIPUCS, 2003. 260 p.(Coleção Memória das letras, v. 14).
- BERND, Z. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. 160 p. (Série Novas Perspectivas, v. 24).
- CANDIDO, A. **Na sala de aula**: caderno de análise literária. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2000. 95 p. (Série Fundamentos).
- DA SILVA, T. (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.133 p.
- DUARTE, R.(Org.) **Contos sem fadas**: retalhos de memória. Porto Alegre: Tomo Editora, 2006.
- FIABANI, A. **Mato palhoça e pilão**: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes [1532-2004]. 2ª ed. São Paulo: Expressão popular, 2012. 432 p.
- GAMA, L. **Trovas burlescas**. São Paulo: Editora Três, 1974.
- GONÇALVES, Ana Beatriz Rodrigues, CARRIZO, Silvina e LAGE, Verônica Lucy Coutinho (Orgs.). **Literatura, crítica e cultura III**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009.
- GUIMARAES, Carlos Magno. **Uma negação da ordem escravista**: quilombos em Minas Gerais no século XVIII. São Paulo: Cone Editora, 1988.
- HALL, S. Controvérsias- Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: HALL, Stuart. **Da diáspora identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 25-50.
- HALL, S.; SOVIK, L. (Org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. 437 p.
- LOPES, S. **Contos Gauchescos e Lendas do Sul**. Rio Grande do Sul: Editora Globo, 1984.
- MARTINS, V. **Guerrilha e Solidão**. 1ª ed. Porto Alegre: Literalis Editora, 2008. 88 p.
- MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2008.
- MOURA, C. **Rebeliões da senzala**. 4ª ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1988, 304 p.
- NEJAR, C. **História da literatura brasileira**: da carta de Pero Vaz de Caminha à contemporaneidade. Rio de Janeiro: Relume Damará: Copesul: Telos, 2007.

RIBEIRO, E. ; MÁRCIO, B. (Orgs). **Cadernos negros: contos afro-brasileiros**. São Paulo: Quilomboje, 2009. v. 32, 154 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Laboratório de Observação Social. Decreto Nº 4.887 e IN/INCRA Nº 20/2005. **Relatório sócio, histórico e antropológico da Comunidade Quilombola de Palmas-Bagé/RS**, Porto Alegre, 2007.

ZILBERMAN, R. **A literatura no Rio Grande do Sul**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1982. 172 p. (Série Revisão, v. 2).

CASTRO ALVES: Biografia de Castro Alves, poesias, transição entre o romantismo e o parnasianismo, literatura brasileira no século XIX, obras como Navio Negreiro e Espumas Flutuantes, livros. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/biografias/castroalves.htm>> acesso em: 18/07/2012.

CASTILHO, S. A representação do negro na literatura brasileira: novas perspectivas. Olhar de professor, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 103-113, 2004. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=68470108>. Acesso em: 28 abr. 2012.

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Comissão Pró-índio de São Paulo. Disponível em: [http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/i\\_brasil\\_rs.html](http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/i_brasil_rs.html). Acesso em: 02 abr. 2012.

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL- Escravidão no Rio Grande do Sul. Comissão Pró-índio de São Paulo. Disponível em: [http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/rs/rs\\_escravidao.html](http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/rs/rs_escravidao.html). Acesso em: 02 abr. 2012.

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL- Os quilombos rurais: do litoral ao interior do estado. Comissão Pró-índio de São Paulo. Disponível em: [http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/rs/rs\\_quilombosrurais.html](http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/rs/rs_quilombosrurais.html). Acesso em: 02 abr. 2012.

DOS SANTOS, J. Imprensa negra: a voz e a vez da raça na história dos trabalhadores brasileiros. IFCH/UNICAMP, Campinas. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/mundosdotrabalho/tex/josesantos.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2012.

DO NASCIMENTO, M. Machado: três momentos negros. **Terra roxa e outras terras-Revistas de Estudos Literários**, v 2, 2002. p 53-62. Disponível em: [http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g\\_pdf/vol2/V2\\_GMN.pdf](http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol2/V2_GMN.pdf). Acesso em: 12 jan. 2013.

DOS REIS, B. *Zumbi: historiografia e imagens*. 2004. 136 f. Dissertação (Pós Graduação em História) – Universidade Federal Paulista, Franca. 2004. Disponível em [http://www1.capes.gov.br/teses/pt/2004\\_mest\\_unesp\\_Andressa\\_Merces\\_Barbosa\\_dos\\_Reis.pdf](http://www1.capes.gov.br/teses/pt/2004_mest_unesp_Andressa_Merces_Barbosa_dos_Reis.pdf). Acesso em 06/02/2013.

DUARTE, E. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. *Literafro-UFMG*, Minas Gerais, 2009. Disponível em:

<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/data1/artigos/afrodescendenciaseduardo.pdf>. Acesso em: 26 out. 2012.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. Biblioteca virtual. Disponível em:

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/evaris.rtf>. Acesso em: 14 mar. 2013.

FRAGELLI, C. *Desconfie do narrador!* Revista de história. com.br. São Paulo, nº 85, Out 2013. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/leituras/desconfie-do-narrador>. Acesso em: 12/03/13.

FERRARA, Miriam Nicolau. A imprensa negra paulista- (1915-1963). Associação nacional da história. Disponível em: [www.anpuh.org/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=3609](http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3609). Acesso em: 16 nov. 2012.

MACHADO, Sátira. Clubes negros e Imprensa negra: elo social para a mobilidade afro-gaúcha. Disponível em: <http://www.clubessociaisnegros.com.br/wp-content/uploads/2011/05/Portal-Clubes-S%C3%A1tira-Machado.pdf>. Acesso em 15 de jul. 2012.

FONSECA, S. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? In: SOUZA, F; LIMA, N (Org.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. 09-38. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:n1CrIHz06ysJ:www.ceao.ufba.br/livrosevidoes/pdf/literatura%2520afrobrasileira.pdf+&cd=10&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 17 jul. 2012.

FURTADO, C. O inferno pode ser paradisíaco. Revista Viés, 2012. Disponível em: <http://www.revistaovies.com/colaboradores/2012/06/o-inferno-pode-ser-paradisiaco/>. Acesso em: 15 jul. 2012.

HALL, Stuart. A identidade cultural da pós-modernidade, 2006, Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1ª ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 102 p. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/12906751/HALL-Stuart-a-Identidade-Cultural-Na-PosModernidade>. Acesso em: 14 mar. 2013.

LITERATURA DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível no link: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura\\_sul-rio-grandense](http://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura_sul-rio-grandense)> acesso em: 18 jul. 2012.

LUCIANO, H. O negro na literatura: de objeto a sujeito. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/anais/2012/anais/educacaoemovimentos sociais/onegronaliteratura.pdf>. Acesso em 25 abr. 2013.

MACHADO, S. OLIVEIRA SILVEIRA: *o poeta da consciência negra*. Disponível em: <http://oliveirasilveira.blogspot.com.br/2006/12/oliveira-silveira-no-portal-afro.html>> Acesso em 21/07/12.

MATOS, M. A poética afro-brasileira de Oliveira Silveira: na busca por uma ancestralidade. In: 2º CIELLI- Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, 5º CELLI- Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. 2012, Maringá. **Anais eletrônicos**. Maringá: UEM/Programa de Pós-graduação em Letras, 2012. Disponível em: [http://anais2012.cielli.com.br/pdf\\_trabalhos/436\\_arq\\_1.pdf](http://anais2012.cielli.com.br/pdf_trabalhos/436_arq_1.pdf). Acesso em: 15 jan. 2013.

OLIVEIRA, Lúcia. Identidade cultural. In: Dicionário de direitos humanos. ESMPU, 2010. Disponível em: <http://www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-index.php?page=Identidade+cultural>. Acesso em: 14 mar. 2013.

PEREIRA, D. A. Panorama da literatura afro-brasileira. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/data1/artigos/artigoedmilsoncallaloo.pdf>. Acesso em 26/10/2012.

PEREIRA, A. E. *Panorama da Literatura Afro-Brasileira*. Callaloo. Vol. 18, No. 4, Literatura Afro-Brasileira: Um Número Especial (Autumn, 1995), pp. 1035-1040. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/3298939?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21102036064983>. Acesso em 23 mai. 2013.

RODRIGUES, Alfredo; SANTOS, Maria. Diáspora quilombola em territórios rurais. In: XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – RECIFE, PE – 2 A 6 DE SETEMBRO DE 2011, 34, 2011, Recife. Resumo, Recife: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2011. p. 01-15. Disponível em <http://www.intercom.org.br/sis/2011/resumos/R6-1889-1.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2013.

RUFFATO, Luiz. À flor da pele. In: RUFFATO, Luiz. **Questão de pele**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009. 1ªed. Disponível em: <http://www.linguageral.com.br/site/downloads/titulos/77.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2012.

SIQUEIRA, Maria Lourdes de. Quilombos no Brasil e singularidade de Palmares. Secretaria Municipal do Governo da Bahia. Disponível em: <http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/quilombos-no-brasil.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2012.

SOUZA, Cledis; FERNANDES, Mariana; RUBERT, Rosane. Comunidades Negras Rurais do RS: o trânsito rumo à auto-identificação como quilombola. Observatório Quilombola-Koinomia. Disponível em: [http://www.koinonia.org.br/oq\\_antigo/uploads/.../2972\\_opjunho.pdf](http://www.koinonia.org.br/oq_antigo/uploads/.../2972_opjunho.pdf). Acesso em: 02 abr. 2012.

SOUZA, Rainer. Escravidão no Brasil. **Brasil Escola**. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/historiab/escravidao-no-brasil.htm>. Acesso em: 20 de jan. 2013.

SOUZA, Florentina. **Literatura Afro-Brasileira**: algumas reflexões. Disponível no link: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/revista2/revista2-i64.pdf>> acesso em: 18 jul. 2012.

TRAPP, R. O negrinho do pastoreio e a escravidão no Rio Grande do Sul: historiografia e identidade. **Oficina do historiador**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 45-59, 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/viewFile/8884/6450>. Acesso em: 05 dez. 2012.

## ANEXOS

### **Guerrilha e Solidão (p. 11- 13)**

A Revolução Federalista encerrou-se deixando uma grande sombra nos campos e no orgulho dos gaúchos. Encerrava-se o século dos heróis que formariam galerias, famosos por suas frases, legados e feitos imortais. Enquanto que, sobre os pastos, arroios e sangas, havia ainda o cheiro sanguinolento dos homens. O minuano soprava fantasmas nos ouvidos das crianças, lamentos nos soluços das mulheres vestidas de preto a morrerem junto a seus bordados à beira dos fogões. Era tempo de perguntas, reflexões. Momento de espera e de caminhar sem destino. Peões desempregados, ex-escravos, bugres e castelhanos ainda vagavam pela fronteira sulina, como filhos à procura da de pais que nunca conheceram. As grandes coxilhas verdes, os capões de mato, as ruínas das charqueadas e as curvas dos rios calaram-se aos olhos dos homens.

Entardecia e, ao mesmo tempo, sem a presença do sol, a terra, os pastos e o ar mostravam-se castigados pelo intenso calor dos últimos dias. O cavalo baio, de pelo judiado e aspecto raquítico, descansava atordoado embaixo da árvore. Antonio trabalhava com a bombacha arregaçada até o joelho, pés descalços, sem camisa e o lenço vermelho amarrado ao pescoço. Recolhia as ferramentas: duas enxadas velhas, sendo uma com apenas metade do cabo. Há dias utilizava-as nas pequenas hortas que construía no terreno arenoso próximo à sua casa. Era um rancho estruturado de madeira e barro e o telhado de palha-de-santa-fé trançada aos cipós do mato. Estava exausto. Sentia uma forte dor de cabeça e um chiado no ouvido. Ficara tempo demais sob o sol nos últimos dias em que trabalhou. Há doze anos era escravo dos homens, foi peão e soldado. Agora era escravo da terra e o sol não lhe dava guarida. Sentou-se num toco de árvore e olhou para o horizonte. Seus olhos identificaram a visão magra e destorcida de sua mulher, que trazia o pequeno filho pela mão. O menino chamava-se Francisco, vestia apenas uma camisa cinza, que lhe cobria todo corpo, carregava uma velha pá. A mulher, de nome Arlinda, usava um vestido de algodão aos farrapos e os cabelos enredavam-se num emaranhado de fios negros e duros. Ela se aproximou calada, ausente de qualquer tipo de movimento facial como uma velha fotografia abandonada. Antonio olhou para a mulher, entretanto ela, sem largar da mão do filho, entrou em casa, detentora de um silêncio fiel. Antonio levantou-se e foi até as hortas que construía.

Agachou-se e observava para ver se já crescia algum milho ou batata. Tocou na terra, sentiu a quentura do solo. Deslocou-se até onde o cavalo pastava, soltou-o.

- Sei que daqui não sai - disse Antonio. Depois, olhava para o céu raro de estrelas como um menino à espera de uma estrela cadente.

A noite não conseguia amenizar o calor. Antonio revirava a erva-mate que fizera há uma semana. O fogão, um amontoado de pedras, sustentava a panela preta. A criança, encostada no poncho dobrado sobre algumas palhas, dormia.

- O guri cansou – disse Antonio ao observar a criança que cochilava.

Com a colher de madeira, a mulher remexia a panela, assoprava as brasas, abanava com a mão e limpava os olhos irritados pela fumaça. Virou-se e foi descascar dois inhames que colhera no banhado. Olhou para o filho, disse:

- Deixa o pobrezinho, pegou muito sol enterrando o irmão à beira daquela sanga.

Antonio sorveu o mate pela primeira vez e suspirou. O estalo das brasas salvava a casa do silêncio fúnebre. A mulher abria a panela e jogava dentro os inhames já picados. Remexeu-os um pouco e afastou-se. Foi na direção do filho. Sua mão alisava o crânio de ralo cabelo, depois tocou naquele braço magro. Por fim, tomou em suas mãos, um de cada vez, os pezinhos do menino. Acariciou-os e observou as rachaduras no calcanhar. Antonio sentava-se próximo ao fogo. Uma longa sorvida, a água queimou-lhe a garganta e seus olhos estáticos procuravam respostas de mistérios, soluções nas paredes rachadas da casa. Os mosquitos o picavam, mas de seu corpo magro não arrancavam nenhuma expressão.

Antonio tornou a piscar os olhos quando seus dedos sentiram o calor do prato de alumínio que a mulher lhe ofertava. Orientando-se, Antonio olhou à volta como se procurasse algo há tempos esquecido. Levantou-se. Voltou-se para o menino que ainda dormia, depois viu a mulher que o encarava. Os olhos dela faziam perguntas que jamais responderia. Antonio deslocou-se e soltou o prato do lado do filho.

- Deixe pra ele – disse Antonio. – Precisa se manter vivo, ficar forte para ajudar o pai na plantação – e sentou agarrado à cuia, ao lado da pequena e velha chaleira.

A mulher foi até o menino e o acordou. Levava lentas colheradas aos lábios do filho que mal se mexiam. Incentivado, Francisco esforçava-se para jantar.

- Come filho – disse Arlinda. – Precisa se manter vivo, ficar forte e, depois, irá para bem longe daqui.

### **A Hora da Mãe (p. 21- 25)**

Dois homens carregavam a mulher grávida para dentro do galpão. Era uma manhã morna e de nuvens suaves. O dia que Benedita soube que seu filho nasceria. Foi colocada sobre um amontoado de pelegos no galpão das ferramentas e arreios. A mulher suave, gemia, enquanto suas mãos pressionavam o ventre dilatado.

- Chame a velha Catina, por favor! – disse Benedita aos dois homens que a trouxeram.

Benedita mantinha-se controlada, segura, a espera da mulher que solicitara. Seu suor escorria pela sua pele escura, brilhante e perdia-se por entre as lãs do pelego. O cheiro de sebo e esterco lhe causava-lhe enjoo. Começou a sentir um frio que teve início com a dor que sentira no ventre. Os pêlos do seu corpo arrepiaram-se. O homem que ficara, mantinha-se à porta do galpão, fumava um cigarro. Tragava-o com frequência anormal. Tossia, olhava para os lados, mas evitava a direção onde estava Benedita. Deitada, ela procurava distrair-se. Nada ouvira dos lábios do peão. Talvez estivesse com medo, pensou. Ou, para ele, parto de escrava e ovelha eram as mesmas coisas e riu. “Uma ovelha preta!” disse e riu outra vez e, depois, chorou.

Alguns homens já retonavam do campo. Aproximava-se do almoço. Apoiando-se na bengala, Catina arrastava os pés. Os mais antigos espalhavam que a velha fizera até o parto do patrão da estância. Uma idade petulante que contrariava a natureza. Ela vinha acompanhada de Margarida, uma mulatinha de cabelos curtos e olhos inquietos, aprendiz da parteira. O homem que acompanhava as mulheres deixou ao lado de Benedita o material e alguns trapos em tecido grosseiro. Catina pediu para que os dois fossem embora, não era mais seus problemas. Um dos peões resistiu, queria assistir ao parto. A velha Catina, apoiada à sua bengala, ergueu a cabeça e lançou-lhe o olhar da maldade. Avisou-o que lhe rogaria uma praga tão danada que o estragaria pelo resto da vida. Como se não tivesse sangue sob a pele, o peão voltou os olhos para o chão. Depois do engasgo, veio o silêncio. Virou-se e saiu aos resmungos e cusparadas sem direção.

Catina começava o trabalho. Benedita fechava os olhos, tirava as mãos da barriga. Tudo estaria nas mãos da velha parteira. À Benedita, restava-lha apenas o esforço nas contrações. Ouvia-se cada vez mais alto a voz da velha que gritava “força” repetidas vezes até que foi diminuindo a intensidade. Houve uma pausa e logo um choro de criança transpõe as paredes do velho galpão.

Foram três meses seguidos de umidade e geada, que castigaram as pastagens, homens e animais, até que o sol brilhava sem nuvens e aquecia as flores das peras. A estância São Tadeu, próxima ao rio negro, recuperava-se da longa revolução. Perdera parentes, peões e muitas outras coisas para o funil dos esforços patrióticos e revolucionários. Quanto aos escravos, os que não morreram servindo ao lado do patrão, fugiram ou estavam nas mesmas funções de antes. A guerra foi-lhes apenas uma distração que implicara sorte ou azar. O proprietário, o coronel João Francisco de Lemes Almeida, imediatamente fez uso dos despojos e indenizações que ganhara na guerra. Uma das aquisições foi a compra de novos escravos, principalmente mulheres, roubadas pelos farroupilhas e castelhanos desordeiros. No meio de tais compras, veio Benedita, uma negra de vinte e poucos anos. Sempre usava um vestido branco de algodão, cabelos crespos presos num modesto coque. Sua pele escura era sensual junto aos olhos amendoados.

À beira do riacho, junto de meia dúzia de outras escravas, Benedita lavava roupas. Estava sempre sob os olhos do filho do coronel, de nome Marcondes. O homem rondava por entre as pitangueiras e unhas-de-gato. Observava-a, montado num lindo picaço branco. Benedita esfregava as roupas enquanto o som do casco do cavalo chocava-se com as pedras e penetrava seus ouvidos. Fingiu lavar o rosto e viu os olhos do homem que a desejava como uma cobra ao passarinho. Benedita, passiva à vida herdada, aguardava apenas o seu ataque sorrateiro.

A temperatura havia subido muito. As escravas entravam na água com maior conforto. O ofício, torturante no inverno, cedia lugar ao prazer da correnteza refrescante. Benedita, com a barra da saia acima dos joelhos, cansava-se de recolocar a alça que sempre escorregava pelo ombro. Acompanhado de dois peões, Marcondes ordenou que levassem as mulheres de volta para a estância, mas a Benedita ficaria. Não estava surpresa nem assustava. Ela deixou que o homem se aproximasse, manteve-se calada, passiva, à disposição dos desejos daquela obsessão irracional. Com seus olhos estalados, as mãos inquietas e fortes, Marcondes regredia seu espírito ao instinto grotesco.

A velha Catina entregara-se ao tempo numa tarde de chuvisco. Margarida atingira a idade suficiente e dona de boa experiência em partos. A estância de São Tadeu produzia ao máximo e possuía um novo coronel que usufruía de tais frutos. As manhãs chegavam acompanhadas de intensas cerrações, onde as vozes perdiam-se enquanto tocavam o gado pelas invernadas.

Benedita passara toda noite acordada. A notícia de que seu filho seria vendido era provável, mas impossível de ser aceita. O menino estava com apenas sete anos, morreria antes dos dez se fosse embora.

Depois da rotina à beira do riacho e outros trabalhos, à noite Benedita já arquitetara um plano. Na frígida penumbra, o solitário peão vigiava a senzala das mulheres. Bendita mirava Margarida, que foi até a grade da janela e sussurrou para o peão. Depois, voltou a se deitar na sua cama. A porta da senzala se abriu e o homem entrou. Seus passos foram na direção da mulher que o chamara. Por fim, deitou cauteloso ao lado de Margarida. Benedita observou tudo. Levantou-se, sabia que a porta estava sem cadeado, e saiu. Sua respiração tornava-se visível no escuro da noite. Devido à ansiedade que a sufocava, seus pés descalços não sentiam o pasto gelado. Caminhou sem desvios até a casa grande. Entrou pela porta da cozinha, deu alguns passos e viu o menino encolhido, encostado à parede. Reconheceu o filho que ressonava ao lado do armário. Próxima do menino, Benedita parou. Seus olhos lacrimejavam e seus lábios tremeram. Pôs a mão na boca, depois secou os olhos. Revelou um estilete de charqueador que trouxera escondido ao vestido. Precisava tocá-lo. Bendita levou a mão até a pequena face. Mas o menino gritou. Bendita o agarrou e levou-o até a cozinha. Lampiões foram acessos. Perguntas e ordens surgiram no corredor. Apareceram duas mucamas, depois o capataz e veio logo o coronel junto da esposa. Bendita encostou-se na parede. Seus olhos oscilavam. A criança chorava, queria se desvencilhar da mão da mulher que agarrava sua camisa. Mas os dedos, cada vez mais fortes, agarravam-se ao tecido.

O capataz aproximava-se de maneira cautelosa, pedia calma, esboçava um sorriso amigável e um relho na mão. Os olhos do coronel estavam imóveis. Até que o choro silenciou-se. A faca estava avermelhada. Benedita voltou a faca para seu próprio pescoço. Os dois corpos estavam lado a lado e os sangues misturaram-se sobre o piso.

O coronel mantinha-se boquiaberto. Ao seu lado, a esposa não estava diferente, porém procurou entender a situação.

- Marcondes! – disse a mulher. – A loucura deve tê-la tornado – fez o sinal da cruz. – Matar o próprio filho, assim? Que raça do diabo!

Antes que amanhecesse, os corpos tinham desaparecido da cozinha, mas ainda havia uma escrava agachada que esfregava e jogava água sobre o piso ainda manchado.

### **Uma Garrafa de Aguardente (p. 35- 36)**

O alcoolismo entre os negros cativos e forros foi tão devastador quanto à própria vida servil. Homens e mulheres subjulgaram-se àquela que foi amante perversa de irresistível sedução em ilusórios momentos de prazer.

Jonas não queria, porém vira Nicanor, seu amigo, companheiro nos sofrimentos da vida cativa, esconder uma garrafa de aguardente. Só poderia ser uma garrafa de aguardente, não se confundiria, e assim pensou Jonas. Sentiu a garganta latejar, veio-lhe uma ânsia, suou tanto que sentiu o líquido escorrer nas suas costas. Ele viu que Nicanor se aproximava, mediu a veracidade do amigo.

- O que fazias ai no matto?

Nicanor deu uma gargalhada e disse:

- O que achas? Gagando!

Poderia ser verdade e Jonas via apenas seu desejo se materializar. Quem sabe a garrafa nunca existiria. Culpa do vício enraizado na garganta, fazia vê-la em qualquer lugar. Um vento tímido tocou sua pele e levou às suas narinas o cheiro do álcool açucarado. Uma prova de que Nicanor acabara de beber.

Uma cumplicidade no trabalho, a vida cativa de ambos: assim eram as conversas entre os dois, até que um odor alcoolizado transformou a cabeça de Jonas, que refletia sobre todas as histórias entre os dois. Não diria nada ao Nicanor, poderia tê-lo ingerido antes, quem sabe, estaria mesmo no campo a fazer uma necessidade. Antes que falasse o que não devia, despediu-se de Nicanor; não havia na sua face a vontade de rever Nicanor outra vez.

Era dia de São Sebastião, feriado em Bagé. Jonas acordou lembrando-se do que acontecera no dia anterior. Seu patrão era muito religioso, dera-lhe o dia de folga. Cedo da manhã, voltava ao local onde encontrara Nicanor. O dia iluminava-se sob um céu límpido, azul. Enquanto caminhava, Jonas via os vários pássaros que desciam para se alimentar. Chegou ao local, embrenhou-se nos pastos.

Jonas pisava na grama, afastava-a. Os seus olhos arregalavam-se a cada brecha que abria. Como um cachorro perdigueiro, ele farejava o cheiro de álcool deixado nos pastos. A luz do sol refletiu num objeto por entre os pastos secos. Aproximou-se. Desesperado, revirou a pastagem e viu as duas garrafas de aguardente. Teve raiva do amigo e desejo forte de beber as duas no gargalo. Se bebesse e fosse embora? Seu suposto amigo mentira, fora mesquinho,

nada lhe devia. Sujara a amizade e não haveria como limpá-la. Agora, em suas mãos, estavam as duas garrafas. Esconderia uma e beberia o líquido da outra. Seria um bom feriado. Ouviu:

- O que vancê faz aí?

Nicanor estava há poucos metros, observando-o. Jonas ficou calado, as garrafas estavam em suas mãos. Nicanor evitou novas perguntas. Bufava quando tirou uma pequena faca da cintura e foi na direção de Jonas.

Noutro dia, a polícia achava o corpo de Nicanor, estava degolado e coberto de pastagem seca. Jonas foi preso alguns metros do local. Bêbado com a faca escondida debaixo da calça. Dormia encolhido, abraçado a duas garrafas de aguardente.

**La vai verso!**

Quero também ser poeta,  
 Bem pouco, ou nada me importo  
 Se a minha veia é discreta,  
 Se a via que sigo é torta.

**F. X. de Novaes**

Alta noite, sentindo o meu bestunto  
 Pejado, qual vulcão de flama ardente,  
 Leve pluma empunhei, incontinenti  
 O fio das ideias fui traçando.

As Ninfas invoquei para que vissem  
 Do meu estro voraz o ardimento;  
 E depois revoando ao firmamento;  
 Fossem do **Vate** o nome apregoando.

Oh Musa de Guiné, cor de azeviche,  
 Estátua de granito denegrado,  
 Ante quem o Leão se põe rendido,  
 Despido do furor de atroz braveza;  
 Empresta-me o cabaço **d'urucungo**,  
 Ensina-me a brandir tua marimba,  
 Inspira-me a ciência da **candimba**,  
 Às vias me conduz d'alta grandeza.  
 Quero a gloria abater de antigos vates,  
 Do tempo dos heróis armipotentes;  
 Os Homeros, Camões – aurifulgentes,  
 Decantando os **Barões** da minha pátria!  
 Quero gravar em lúcidas colunas  
 Obscuro poder da parvoíce,  
 E a fama levar da vil sandice

Às longínquas regiões da velha Bactria!

Quero que o mundo me encarando veja,  
 Um retumbante **Orfeu de carapinha**,  
 Que a Lira desprezando, por mesquinha,  
 Ao som decanta de Marimba augusta;  
 E, qual outro Arion entre os Delfins,  
 Os ávidos piratas embaindo –  
 As ferrenhas palhetas vai brandindo  
 Com estilo que preza Líbia adusta.

Com sabença profusa irei cantando  
 Altos feitos da gente **luminosa**,  
 Que a trapaça movendo portentosa  
 A mente assombra, e pasma à natureza!  
 Espertos eleitores de **encomenda**,  
 Deputados, Ministros, Senadores,  
 Galfarros Diplomatas – chuchadores,  
 De quem reza a cartilha da esperteza.

Caducas Tartarugas - desfrutáveis,  
 Velharrões tabaquentos – sem juízo,  
 Irrisórios fidalgos – **de improviso**,  
 Finórios traficantes – **patriotas**;

Espertos maganões **de mão ligeira**,  
 Emproados juízes de **trapaça**,  
 E outros que de honrados têm **fumaça**,  
 Mas que são refinados agiotas.

Nem eu próprio à festança escaparei;  
 Com foros de **Africano fidalgote**,

Montado num **Barão** com ar de zote –  
Ao rufo do tambor e dos zabumbas  
Ao som de mil aplausos retumbantes,  
Entre os netos da Ginga, meus parentes,  
Pulando de prazer e de contentes –  
Nas danças entrarei d'altas **caiumbas**.